



VOZ OPERÁRIA

Nº 190 RIO DE JANEIRO, 10-I-1953

« Os Soldados, Nossos Filhos, Não Irão Para a Coréia »

ABAIXO O ACORDO MILITAR!

Quando se realizavam as eleições nos Estados Unidos, os porta-vozes e representantes do imperialismo americano que atuam em nossa pátria anunciaram nos quatro ventos que qualquer que fosse o resultado das eleições, eleito Eisenhower ou Stevenson não mudaria a política americana em relação ao Brasil.

E diziam a verdade. Continua de pé a política de colonização e saqueio das riquezas naturais de nossa terra. E' a mesma política de guerra para aumentar a onerosidade e a miséria já intoleráveis para nosso povo. E' a mesma existência de transformar a mocidade brasileira em carne de canhão para o sorvedouro ignominioso dos sangrentos campos de batalha da Coréia.

Para conseguir tais objetivos infames é mais categórica e imperiosa a ordem do senhor americano da guerra nos seus serviços no Brasil para que façam ratificar sem demora o acordo militar. Neste momento é maior do que em qualquer outro o perigo de ratificação do pacto da traição. A Câmara dos Deputados foi convocada extraordinariamente com este objetivo principal — fazer passar o acordo militar. A reação anti-patriótica e vendutária está enraivecida por não ter conseguido fazê-lo na legislatura de 1952. E tomou fôlego nestas férias parlamentares, com o cambalacho da reforma administrativa, com a assinatura da nova lei de segurança por Getúlio Vargas, com novas instruções a Nereu Ramos, presidente da Câmara, diretamente pelos americanos nos Estados Unidos, para ratificar a todo pano o acordo de guerra e colonização.

Em face de tamanho perigo é que a Comissão Nacional Contra o Acordo Militar tomou a iniciativa patriótica de promover a quinzena nacional de lutas e ações de todos os brasileiros para impedir que o crime seja consumado. Todos os brasileiros são chamados a se manifestarem. Todos os homens e mulheres que amam a independência da pátria e desejam a paz para nosso povo, todos os filhos dignos do Brasil que não admitem seja arriada nossa bandeira para que o invasor hasteie em seu lugar a fâmula de guerra do dólar, todos sem exceção são convocados pela clarinada patriótica.

Trata-se da mobilização total do civismo dos brasileiros. Nenhum de nós, cidadãos desta pátria, poderá ficar indiferente durante esta quinzena de ações patrióticas. Nas passeatas, nos comícios, debates e conferências, na coleta de assinaturas contra o acordo, na organização de comissões patrióticas de moradores do mesmo bairro, estudantes da mesma escola, operários da mesma fábrica ou setor profissional, nas visitas a personalidades, jornais, câmaras, na feitura de memoriais e abaixo-assinados, nos telefonemas e telegramas a deputados — de todos os meios e modos temos o dever de honra de nos manifestar. Se o conhecimento do texto do acordo e das leis americanas de cujo seio imundo o acordo saiu são uma arma de combate, então é mostrar a milhões, esclarecendo-os e chamando-os à luta, o que significa tudo isso, que imenso perigo se abate sobre cada lar.

Estas manifestações culminarão no próximo dia 15 com a mais poderosa e gigantesca demonstração de massas dos últimos tempos. Em nenhuma cidade, fazenda, escola, vila ou fábrica permitamos que passe um único dia sem que se faça algo contra o acordo. E todos esses atos confluirão para a manifestação do dia 15 em que, face a face com o povo, os homens do governo ouvirão numa voz potente, soma dos brados de 50 milhões de brasileiros, a expressão da vontade soberana da nação: ABAIXO O ACORDO MILITAR!

VOZ DOS LEITORES

Prestes é a Certeza do Engrandecimento Da Pátria

«Nos abaixo assinados povo de Apucarana, Est. do Paraná, saudamos a data natalícia do grande líder do proletariado, dirigente honrado do povo brasileiro, Luiz Carlos Prestes, e desejamos que esta data se repita por muitos e muitos anos.

Formulamos sinceros votos para que a passagem de mais um aniversário do querido, Cavaleiro da Esperança, desperte no povo brasileiro a certeza de que realmente levanta-se aos interesses do povo e é merecedor da honra e apoio incondicional de todos os brasileiros, aos quais, com os seus magníficos ensinamentos, está transmitindo a segurança da vitória próxima, a certeza da libertação e engrandecimento da pátria.

Viva Luiz Carlos Prestes e que seu nome imponha respeito cada vez mais às massas e a elas traga a necessária esperança!

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Viva o Povo Brasileiro! (as.) Gerson José Souza, Paulino Vieira, Oscar Souza Figueiredo, Paulo Budney, Augusto Benedezi, Erminia Mantovani, José Welford, Jacomo Aboço, Lauro Gama,

Mais Um Luiz Carlos

De Apucarana, Paraná, escreve-nos o leitor Paulino Vieira, a seguinte carta: «Poco-lhes noticiar o aniversário do pequeno, Luiz Carlos Vieira, para o qual rogo a atenção de todos os camaradas, pois que é filho de um proletário, que se sente honrado e feliz por coincidir tal data com a do natalício do grande líder do povo brasileiro, dirigente amado e festejado pelo mundo inteiro, o amado companheiro Luiz Carlos Prestes, defensor intransigente do proletariado e lutador incessante pela paz, pelo pão e pela liberdade dos povos.

Completo, pois, um ano de vida a 3 de janeiro de 1953 o pequeno Luiz Carlos Vieira, que será um novo militante do querido Partido Comunista do Brasil.

Genesio Cager, Lázaro de Sá, Simão Freitas, Honorina da Silva, Lazara Pereira Matias, Darci Aparecida Matias, Palmira Vieira, Lourdes Lopes, Carlos Lopes, Benedito Vieira, Zeide Matias Vieira, Antonio Talota, Vanderlei Talota, Francisco Antonio Souza, Virgílio Lopes, Pedro Simões, Manoel Moreira, Pedro Vice...

Muitos e Muitos Anos De Vida Para o Cavaleiro da Esperança

Os leitores Luiz Vilela Ferreira, Angelina Vilela, Gloria Vilela Faria e Marlene Vilela Faria, residentes no Morro da Penha, no Estado do Rio, enviaram a Prestes a seguinte saudação:

«Do fundo de nosso coração saudamos emocionados o 55º aniversário do Cavaleiro da Esperança, desejando muitos e muitos anos de vida para o homem que comanda o futuro do Brasil. Apesar do ódio que os fascistas concentram contra Prestes o povo brasileiro guarda a sua vida e a protege.»

Telegramas A Prestes

O patriota Aniceto Silva de Santa Vitória, do Estado do Rio Grande do Sul, enviou a Prestes o seguinte telegrama:

«Ao guia seguro do proletariado brasileiro os companheiros de Santa Vitória felicitam no transcurso de mais um aniversário natalício.»

COMANDANTE DO POVO «Saudamos a passagem de mais um aniversário do guia genial dos trabalhadores, Luiz Carlos Prestes. Desejamos muita saúde e longos anos de vida para o comandante da luta do povo brasileiro pela libertação nacional.

(as.) Antonio Sobrinho, Armando Luchon, Antonio Munhoz, Octavio Correia Inacio, Inacio Eddo e Theresza Munhoz Carlota.»

Saudação A Prestes

«A gloriosa data de 3 de janeiro, na qual comemoramos mais um aniversário, representa para o povo, mais um dia de esperança. Que essa data se reproduza por muitos e muitos anos, que Prestes tenha vida e saúde.

O grandioso herói, feliz do berço que te embalou, feliz da mãe que te deu ao

mundo, que deu ao mundo um filho como tu.

Como mãe que sou digo que toda mãe deve instruir seu filho para que ele siga o caminho de Prestes. Só assim ele terá mais pão, terá a terra para o trabalho e gritará bem alto, com entusiasmo:

SOMOS LIVRES! SOMOS LIVRES!

A ti Cavaleiro da Espe-

O Construtor do Mundo Da Paz

«No transcurso do 73.º aniversário natalício do grande camarada Stalin, do chefe supremo do Partido Comunista da URSS, os camponeses de Rio Ligeirinho saudam calorosamente o construtor do primeiro Estado Socialista. Graças a Stalin, graças à sã orientação desse mestre, o povo russo se libertou da exploração e da miséria, liquidou o analfabetismo, pôs abaixo os capitalistas e fazendeiros, tornando-se assim o guia luminoso dos povos que buscam a liberdade. Para nós, camponeses do Rio Grande do Sul, o aniversário de Stalin tem uma particular significação. Vemos nele o condutor magnífico dos povos e seu exemplo nos levará também à vitória final contra a opressão e a fome. Enquanto os camponeses da União Soviética gozam de todas as facilidades para a execução de seu trabalho no campo, trabalham para si, não temos nada, vivemos com fome e sujeitos a tremenda exploração por parte dos fazendeiros. Enquanto os camponeses da URSS têm as suas mais diversas distrações, enquanto sua agricultura é desenvolvida e mecanizada, enquanto os camponeses daquele grande país trabalham com modernos e possantes arados, nós, camponeses de Rio Ligeirinho, nada temos. O nosso trabalho, além de pesado, esgota qualquer trabalhador.

O governo soviético fornece grande quantidade de tratores para a colheita dos cereais, da batatinha, da beterraba, enfim de qualquer produto agrícola. E o nosso o que faz? Não dá sequer uma enxada ou um arado. Nós nem mesmo conhecemos os arados e por isso o trabalho aqui é um inferno. Getúlio que tanto prometeu aos camponeses, para obter seus votos, depois de eleito esqueceu suas promessas. Nós camponeses vemos com os nossos olhos toda a exploração dos capitalistas, que Getúlio comanda. Quando somos obrigados a vender nosso trigo a 120 cruzeiros o saco para que os tubarões possam vendê-lo a 200 cruzeiros ou mais, compreendemos muito bem a manobra e sabemos quais são os seus responsáveis. Quando os camponeses percebendo todos esses fatos resolvem exigir o cumprimento das promessas do governo, este o que faz? Manda a polícia espancar e prender os camponeses como aconteceu e tem acontecido em outros lugares do país.

Frente a esse estado de coisas os camponeses se valem do exemplo da URSS, e dos ensinamentos do mestre e guia dos povos, o camarada Stalin. Vendo os êxitos alcançados pelos povos soviéticos que têm em seu governo o idealizador e construtor da Paz e da li-

berdade, o camarada Stalin, nós, camponeses, não podemos deixar de admirá-lo e segui-lo. O nosso desejo é que o grande e querido Stalin viva muitos anos, para a felicidade de todos os povos do mundo. (As) Armando Wojciechorkis».

Viva a Paz! Viva a humanidade! Viva o Brasil! as) Norma Barbosa. D. F.

Longos Anos De Vida para Prestes

De Paraguaçu Paulista os leitores Jonathas Pedrosa, Expedito Pedrosa de Souza, Reinaldo de Andrade, Gabriel Venancio de Souza, Antonio Pedrosa da Souza, Joana Maria da Conceição, Antonio do Carmo, Antonio Pedrosa Filho, Nadir Catapam, Augusta Martins da Silva, Plínio Brasil Prado, Manoel Brasil Prado, José Luiz Prado, Olimpia Betezeli, Orlando Crispim e Jovino Rodrigues, enviam a Prestes a seguinte saudação:

«Saudamos com alegria a data querida de milhões de brasileiros amantes da Paz e da libertação nacional. No dia 3 de janeiro Prestes completou 55 anos de idade e mais um dedicado à causa da Paz e da Independência Nacional. Neste momento voltam-se para Prestes milhões de camponeses e operários que vêm no Cavaleiro da Esperança a Bandeira da Libertação do povo brasileiro do jugo fendal burguês. Prestes em seu histórico manifesto de agosto aponta o verdadeiro caminho para o povo brasileiro. Prestes significa: Paz Pão e Liberdade.

Nós camponeses de Paraguaçu Paulista desejamos a ti longos anos de vida para que possas concretizar o sonho de todos os brasileiros que desejam um Brasil livre e independente.

Viva Luiz Carlos Prestes! Salve 3 de Janeiro! Viva o glorioso P.C.B.!»

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável	
JOAO BATISTA DE LIMA E SILVA	
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257 - 17º andar - Sala 1712	
SUCURSAIS	
SÃO PAULO	Rua dos Estudantes, 84 - Sala 29;
P. ALEGRE	Rua Voluntários da Pátria, 527 - Sl 48
RECIFE	Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Sacl;
SALVADOR	Rua Saldanha da Gama, 22 - 4º andar;
FORTALEZA	Rua Barão do Rio Branco, 1248 - Sl 22
ASSINATURAS	
Anual Cr\$ 60,00
Semestral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Avulso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO - RECIFE - PORTO ALEGRE - FORTALEZA - SALVADOR e BELEM.	



GETULIO: como quer parecer e como é na realidade

Elisa Branco

(PRÊMIO STALIN internacional)

HEROÍNA DO BRASIL NA LUTA PELA PAZ

A faixa de Elisa Branco está hoje traduzida em todas as línguas. É famosa como os romances de Jorge Amado, como os poemas de Pablo Neruda. Em todos os países seu nome é pronunciado com carinho e admiração, um comum sentimento de amor à paz associa a figura de Elisa Branco às mães da Bélgica e da Austrália, dos Estados Unidos e da França, do Irã ou da Índia. Na Coreia longínqua e heroica é também de gratidão o sentimento do povo para com a heroína brasileira, Elisa Branco recebeu o Prêmio Stalin internacional «Pelo reforçamento da paz entre os povos». A que mais elevada honra pode aspirar um partidário da paz?

«A paz será mantida e consolidada se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e a defenderem até o fim». Estas sábias palavras do campeão da paz, o grande Stalin, infundem no coração das pessoas simples a fé e a confiança na vitória da causa da paz. Dão-lhes energia e coragem para os mais belos gestos, como o de Elisa Branco. Com o seu exemplo pessoal, Elisa abriu para milhões de brasileiros uma ampla e bela perspectiva, mostrou-lhes como as pessoas simples podem tomar em suas mãos a causa da manutenção da paz. Os jovens brasileiros não estão morrendo na Coreia. Também a Elisa Branco devem as mães brasileiras essa incomparável felicidade. Assim, quando Elisa recebe o Prêmio Stalin internacional o nosso povo aplaude de todo o coração o acerto da escolha.

O COMITÊ DISTRIBUIDOR DOS PRÊMIOS

A 22 de dezembro de 1949 — em homenagem ao 70.º aniversário do grande Stalin — o Presidium do Soviet Supremo da URSS instituiu os Prêmios Stalin internacionais «Pelo reforçamento da paz entre os povos». Cada pessoa distinguida com essa alta honra recebe um diploma de laureado com o Prêmio Stalin internacional, uma medalha de ouro com a efígie de Stalin e um prêmio em dinheiro no valor de 100 mil rublos (cerca de 750 mil cruzeiros). O Prêmio Stalin internacional é um estímulo às forças democráticas mundiais que defendem a paz.

Um Comitê que tem como presidente o acadêmico e sábio soviético Dmitri Skobeltsin, como vice-presidente o maior dos poetas da França, Aragon, além de outros representantes das forças democráticas da China, Inglaterra, Chile, Polónia, Alemanha, Rumania e personalidades públicas da União Soviética, distribui os Prêmios Stalin internacionais.

Quando Jorge Amado e outras personalidades foram premiadas, o Comitê estava composto pelos seguintes nomes: acadêmico D. Skobeltsin, Aragon, o sábio inglês John Bernal, o poeta chileno

lo Pablo Neruda, o cientista polonês Jan Dembowski, o romancista rumeno Miguel Sadoveanu, o escritor dinamarquês M. Anderson-Nexo e os escritores soviéticos I. Ehrenburg e A. A. Fadeev.

Numa época como a em que vivemos quando se multiplicam as ações heroicas em defesa da paz e em que tantas figuras de projeção ampliam, com sua adesão, o invencível campo da paz, é de ver a honra que significa um Prêmio Stalin internacional.

OS PRÊMIOS STALIN

Anteriormente, já por duas vezes, o Comitê Distribuidor dos Prêmios Stalin internacionais galardoou representantes das forças democráticas mundiais por seus relevantes meritos na luta em prol da paz. Na primeira resolução do Comitê estão inscritos os nomes de Joliot-Curie; de Sung-Ching-Lin, presidente da Associação Chinesa de Assistência Popular; do reverendo Hewlett Johnson, deão de Canterbury; de mme. Eugenie Cotton, diretora honorária da Escola Normal Superior de Sévres, na França; da heroína Pak-Den-Ai, presidente da União Democrática das Mulheres da Coreia e do general Heriberto Jara, ex-ministro da Marinha no México.

A 20 de dezembro de 1951, aparecia a segunda resolução do Comitê. Ali figuravam os nomes de Kuo-Mo-Jo, presidente da Academia de Ciências da China; Pietro Nenni, presidente do Partido Socialista Italiano; Ikuo Oyama, professor e deputado japonês; Monica



ELISA BRANCO — Desenho de Otávio Araújo

Felton, destacada personalidade social na Inglaterra, Anna Segners, escritora alemã e Jorge Amado.

Agora, na nova relação dos Prêmios Stalin, o nome de Elisa Branco aparece ao lado de personalidades da projeção de Salfoudin Kitchlew, destacado político indiano, membro do Partido do

Congresso, de Paul Robeson, de me

lhorado e eminente figura de seu país, o missionário canadense James Endicott, de I. Ehrenburg.

UMA HOMENAGEM A MULHER BRASILEIRA

A concessão a Elisa Branco do Prêmio Stalin internacional, constitui um estímulo para todo o nosso povo prosseguir com mais firmeza ainda na luta pela paz. Particularmente às mulheres brasileiras, que têm dado tão numerosas provas de abnegação na defesa da paz — coletando centenas de milhares de assinaturas nas campanhas pela interdição da bomba atômica e por um pacto de paz, nas manifestações públicas contra o envio dos soldados brasileiros para a Coreia, pelo ingresso dos nossos marujos que estiveram na iminência de ser mandados para o matadouro da guerra americana e em tantas outras oportunidades — essa homenagem a Elisa também lhes é extensiva. É o reconhecimento dos seus esforços e dos seus brilhantes êxitos, mostra-lhes que luminoso é o caminho da preservação da paz.

A 7 de setembro de 1950, Elisa Branco abriu no vale de Anhangabaú, diante dos jovens militares que desfiliavam, sua faixa histórica: «Os soldados, nossos filhos, não irão para a Coreia!». A história da luta pela libertação de Elisa é uma eloquente afirmação da determinação do nosso povo de não permitir o envio de seus filhos para a guerra.

JOSUE ALMEIDA

Uma vida simples e generosa

Num lar modesto de Barretos, Estado de São Paulo, nasce a 29 de dezembro de 1912 Elisa Branco. A pequenina Elisa não havia completado sequer os 7 anos quando a morte do pai trouxe para ela uma triste orfandade, dura como a de tantas outras crianças brasileiras. Por isso, Elisa Branco não pôde continuar na escola além do quarto ano primário, de onde saiu aos treze anos para trabalhar em casa numa máquina de costura, dividindo com a mãe a responsabilidade do sustento próprio e dos seus quatro irmãos.

Aos 15 anos conheceu o operário Norberto Batista do Frigorífico Anglo com o qual viria, em 1932, a contrair nupcias. Nesse ano, o generoso sangue do nosso povo seria derramado numa luta fratricida provocada pelos choques de interesses dos imperialistas ingleses e americanos. A percepção de Elisa Branco não escapava o fato de que os políticos de barretos — ligados a um ou outro dos grupos em disputa

— não se dispunham a seguir para o «front», apesar do tom inflamado com que conclamavam os jovens a fazê-lo. Os irmãos de Elisa seguiram para a guerra. Tempos depois regressavam abatidos, magros, barbados, as fardas rotas. Tiveram sorte. Outros rapazes de Barretos, Elisa os conheceu, nunca mais voltaram. Um episódio marcante na vida de Elisa ocorreu nessa época. Houve um tiroteio num trem carregado de soldados que iam para o «front», motivado pela embriaguez de alguns. Elisa, apesar de grávida, encaminhou-se à estação, pois fora informada de que Norberto estava lá. Na estação encontrou um soldado ferido a quem os circunstâncias temiam prestar socorro. Com grande esforço arrastou-o para uma casa próxima onde o jovem foi atendido.

Em 1934 deflagrou uma greve, no Frigorífico Anglo. Norberto em greve, foi Elisa quem, pedalando em sua máquina, dia e noite, manteve a casa, não permitindo

a Norberto outra preocupação senão a de ganhar a greve. Foi também por essa época que o casal travou os primeiros contactos com o movimento democrático brasileiro.

Quando, tempos depois, Norberto foi demitido, Elisa soube encorajar o companheiro e decidiram mudar-se para São Paulo, juntamente com as duas filhas, Florita e Horieta. Ai (ela já era uma combatente da libertação nacional e conhecia Prestes num comício, em Barreto) Elisa participou de campanhas contra a carestia de vida, pela paz, pelos direitos do povo, tendo sido presa numa dessas ocasiões.

Foi na Capital bandeirante que ela desfilou sua faixa. Hoje, quando «os soldados, nossos filhos», se acham ameaçados de ser enviados para a Coreia, com o perigo de aprovação do Acordo Militar, é todo o povo brasileiro que toma firmemente em suas mãos e eleva mais alto do que nunca a faixa de Elisa Branco.

« Os Soldados, Nossos Filhos, Não Ião Para a Coreia »

Nosso Protesto Pode Salvar Estas Vidas!

COMUTAÇÃO DA PENA PARA O CASAL ROSENBERG

OS ponteiros do relógio giram apressadamente, os dias passam e se aproxima célere a data da execução do casal Julius e Ethel Rosenberg. Milhões de seres, no mundo inteiro, tomados de horror ante a perspectiva de tal crime, voltam os seus pensamentos para a prisão de Sing-Sing. Ali já estiveram em visita a seus pais Michael e Robert de 9 e 6 anos, respectivamente. Eles ficarão órfãos? Diz um telegrama — «as crianças sabem o que aguarda aos seus pais, mas não choraram. Na negra prisão que há dois anos encerra o casal, também esteve por duas horas a mãe de Ethel, a sra. Greenglass, uma anciã de 71 anos.

Amanhã entraremos na semana marcada para a electrocussão. Não só os entes mais caros do casal esperam salvá-lo, como também os milhões de pessoas do mundo inteiro que exigem de Truman a comutação da pena. A medida que os minutos avançam e antes da hora de soar o gongo como em outras vezes que o governo lanque tem cometido crimes semelhantes, os povos aumentam o câro gigantesco: «salvem as vidas dos inocentes!»

A POSTOS CONTRA OS VERDUGOS

Tão clamoroso é o crime, que os verdugos vacilam diante dos protestos inumeráveis que chegam dos qua-



Confiantes no povo que os há de libertar, Julius e Ethel Rosenberg, durante o processo, ouvem com firmeza e serenidade o requisitório da acusação todo êle baseado em falsidades e cheio de histeria guerreira.

tro cantos da terra. Numa de suas mais recentes declarações, o casal illustre jurou inocência «diante de Deus e dos homens», ante a calúnia levantada pelos provocadores de uma nova guerra, que êle havia entregue segredos atômicos a URSS, justamente quando todo mundo sabe que não mais havia monopólio da energia atômica. Os Rosenberg declaram-se inocentes mas, não se tornam instrumentos de provocações contra a Patria do Socialismo, o baluarte da paz. Nas cartas trocadas entre si, êles revelam a confiança de que estão possuídos e a certeza de que serão finalmente salvos. A essa confiança, responde o povo com grandes ações pela comutação da pena. No Canadá foi criado um Comitê sob a presidência de um bispo presbiteriano, envolvendo grande número de personalidades em prol da concessão de graça aos condenados. Dezenas de pessoas, se revezam em piquetes em frente à Embaixada dos Estados Unidos, naquela país, desde o dia 5 do corrente.

De todos os Estados americanos chegam à Washington comissões e mais comissões que formam piquetes de mais de mil pessoas em frente a Casa Branca, deixando Truman apavorado com a onda que cresce.

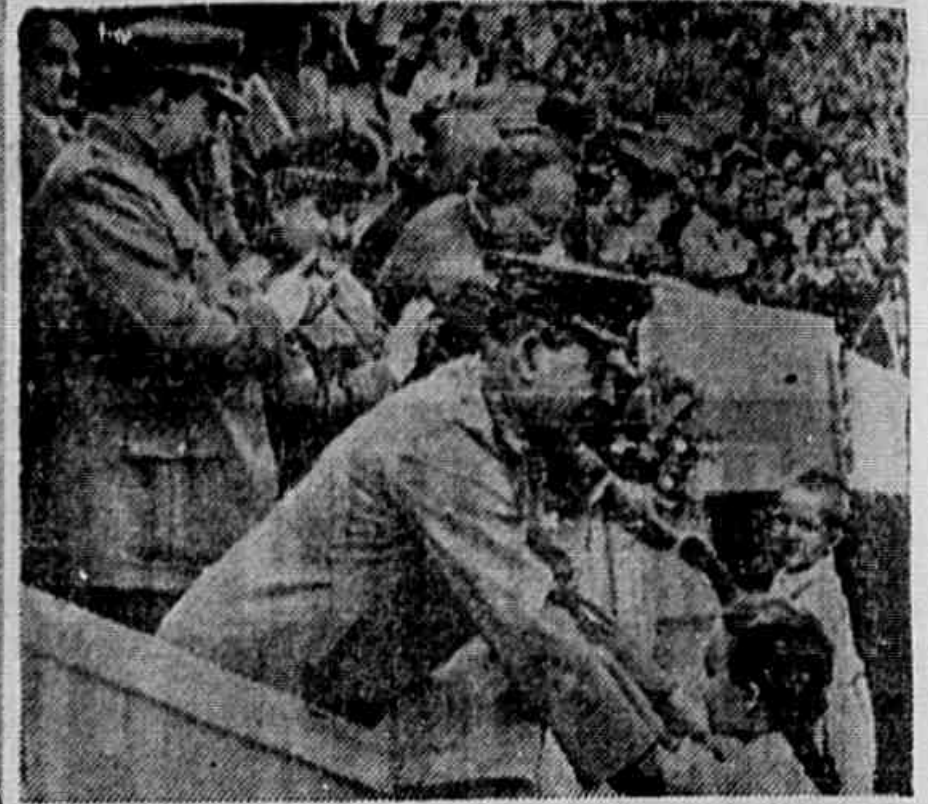
E, do Brasil, já se têm feito sentir algumas manifestações contra o crime que se prepara. A Associação Brasileira de Defesa dos Direitos do Homem enviou um ofício a Truman; entidades estudantis e operárias levantam o seu protesto; abaixo-assinados e cartas são mandados à embaixada americana em grande quantidade.

AINDA E' TEMPO DE SALVA-LOS

Os monstros estão com a mão sobre a chave elétrica pronta para ligar a descarga mortal. A fim de salvar os inocentes que se amam e também amam a seus filhos é preciso multiplicar a luta pela comutação dessa pena iníqua. E, ainda é tempo. E' tempo de salvar essas duas vidas preciosas que muito farão pelos milhões de homens e mulheres de todo o mundo que desejam a Paz.

E' urgente um ato de protesto por mínimo que seja que materialize esse sentimento — uma carta, um telegrama, um memorial de protesto à Embaixada dos Estados Unidos. E' preciso seguir o exemplo daquelas 70 crianças de Tanabí, no Estado de São Paulo, que, após lerem as cartas do casal Rosenberg, escritas na prisão, ficaram tão impressionadas que endereçaram um abaixo-assinado a Truman, feito por elas mesmas, dentro de 24 horas, pedindo o perdão para os condenados.

São poucos os dias que restam para trabalhar em prol do casal Rosenberg. Façamos neles mais do que deveríamos ter feito em meses a fim de levarmos a cabo, com êxito, tão humana e honrosa tarefa na qual se empenha toda a humanidade.



AS PALAVRAS SIMPLES DE STALIN

Zuleica ALEMBERT

Stalin falou. E suas palavras simples penetraram no coração de todos os homens como uma mensagem de esperança. Em meio às preocupações cada vez maiores de toda a humanidade, as expressões serenas do grande Stalin iluminaram poderosamente o caminho da paz.

«Também no futuro nossos países podem viver em paz» — disse, referindo-se aos Estados Unidos. E, pela milésima vez: «Continuo acreditando que a guerra entre os Estados Unidos e a U.R.S.S. não pode ser considerada inevitável».

Cada pergunta feita pelo jornalista americano recebeu exatamente a resposta que cada jovem, que cada mãe, que cada cidadão gostaria de ouvir. Nisso reside a força indestrutível das palavras de Stalin. Por isso os povos as receberam como um presente de Natal.

Mas não foram apenas uma expressão de esperança as declarações do Campeão da Paz. Ele também indicou com precisão onde reside o perigo de guerra: «Em toda parte e em todas as coisas onde se manifestam as ações agressivas da política de guerra fria dirigida contra a U.R.S.S.» Os povos sentem que isso é verdade. Enquanto da parte da União Soviética só se ouvem palavras de paz e de entendimento, os dirigentes americanos não têm sequer o pudor de encobrir sua febril preparação guerreira, nem se dão ao trabalho de disfarçar sua conspiração contra a paz. O bloqueio comercial da U.R.S.S. e dos países de democracia popular é acompanhado

da construção de bases aéreas e navais no mundo inteiro, da mobilização de exércitos mercenários, da pregação aberta do assalto à Ásia, da intervenção armada na Polónia, na Tchecoslováquia e na Hungria, do bombardeio atômico de Moscou e Leningrado.

Trata-se, em grande parte, da expressão dos desejos doentios de magnatas que sentem a terra lhes fugir sob os pés. Mas nem por isso são menos perigosas tais ameaças, tal guerra fria. Também os loucos podem causar muitos males se não são contidos, se não se lhes aplica uma camisa de força. E' por isso que os povos devem exigir que essas ameaças deixem de ser vociferadas, que prossigam essas ações de preparação guerreira.

Os brasueros não podem permitir que o solo de sua pátria e os recursos de seu país sejam utilizados em benefício dessa criminoso guerra fria. E isso significa que devem redobrar de esforços para impedir a aprovação do criminoso convênio de guerra chamado «Acôrdo Militar», que devem exigir o estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas normais com todos os países do mundo.

As palavras de Stalin já foram ouvidas por centenas de milhares de brasileiros. Elas precisam agora ser levadas aos milhões de jovens, de de mães, de homens de todas as classes e camadas sociais que desejam continuar a viver em paz, mas que precisam ser alertados para os perigos que os ameaçam e convocados para a luta ativa pela paz.

CRÔNICA INTERNACIONAL

As agências noticiosas americanas, com sua característica irresponsabilidade diante dos leitores, espalham toda espécie de boatos e fazem as mais cretinas especulações em torno da viagem de Churchill para encontrar-se com Eisenhower. Ora dizem que seu objetivo, de acôrdo com «fontes bem informadas», é tratar da questão da Coreia. Ora opinam, conforme uma personagem «bem colocada nos meios ligados a Eisenhower», que o encontro versará sobre a entrevista de Stálin. E nessa torrente de palavras tentam simplesmente ocultar a verdade, segundo a velha técnica de Talleyrand.

Pois não se encontra em tudo isso uma referência sequer às contradições que dilaceram o campo imperialista, especialmente entre os dois sócios principais — os Estados Unidos e a Inglaterra. E' como se ambos vivessem no mais pacífico dos mundos, ligados pela mais fraterna e sólida amizade. Entretanto, é sabido que desde há muito trava-se entre o dólar e a libra uma guerra surda e sem quartel. Uma a uma estão sendo atacadas pelos iniques as posições do Império Britânico: o sistema das tarifas preferenciais, estabelecido em 1932 na Conferência de Ottawa; a chamada zona esterlina — esfera de influência financeira da Inglaterra, formada entre 1930 e 1940; e as próprias colônias

A VIAGEM DE CHURCHILL E AS Contradições Anglo - Americanas

e semi-colônias, sob o aspecto territorial, de onde os ingleses estão sendo expulsos e onde os americanos vão pondo as patas, como herdeiros universais do caduco leão britânico.

Tudo isso são temas irrecusáveis numa conversação entre Churchill e seu antigo pupilo Eisenhower. E' evidente que eles não vão procurar resolver tais problemas na valentona, «de homem para homem», mas estudar uma solução especial, que agrade a gregos e a troianos, às custas de um terceiro, que nada tem a ver com a história. Este terceiro chama-se União Soviética. Não por acaso o chanceler inglês Anthony Eden escolhe este momento para desencadear contra a U. R. S. S. e contra Stálin, como que em represália aos seus gestos de paz e cordialidade, um ataque calunioso e provocador, em perfeita sintonia com calúnias e provocações idênticas, desfechadas por Truman.

E' o mesmo tipo de solução que esses mesmos imperialistas, juntamente com

seus parceiros franceses, buscaram em 39: depois de terem permitido que os lobos nazí-nipo-fascistas devorassem a Espanha, a Abissínia e um pedaço da China Central, procuraram franquear ao mais voraz deles — o lobo hitlerista, o caminho da Europa Oriental, dos trigais da Ucrânia, da vastidão soviética, atirando-lhe logo como isca a Tchecoslováquia, que eles traíram e ainda ameaçaram para impedi-la de reagir.

Mas hoje as circunstâncias são muito diferentes. A própria disposição de forças, no plano internacional é completamente diversa, depois do aparecimento das democracias populares na Europa, da vitória de revolução chinesa, da irrupção dos movimentos nacional-libertadores nas colônias, da organização mundial dos defensores da paz e do fortalecimento crescente da União Soviética. O lobo americano, seguindo os passos de seu antecessor japonês, tentou dominar a China, começando por agredir a Coreia, mas a resistência heróica do povo coreano, com a

ajuda dos bravos voluntários chineses, fez fracassar a primeira empresa militar do plano inique de dominação do mundo.

Em 39, graças à sábia política exterior stalinista, desmoronou-se o complô imperialista contra a URSS. As novas condições do mundo, a lição mesma da Coreia a firme e invariável política externa da URSS e o movimento crescente dos povos pela paz são de molde a desencorajar a nova conspiração contra o país dos soviets: a fazer com que os bandidos imperialistas contem até 10 antes de se lançar a uma aventura que poria em jôgo a própria sobrevivência do regime capitalista.

E' provável que nas conversações Churchill-Eisenhower sejam ventilados todos esses problemas: questão da Coreia, entrevista de Stálin, etc., mas dentro do quadro geral das relações anglo-americanas. A missão de Churchill não é de paz, é uma missão de guerra. Sobre isto não pode pairar dúvida. Mas entre seus alucinados desejos reacionários e a realidade, há um longo caminho a percorrer. E no meio desse caminho estão os povos, desorientados, em movimento, lutando, exigindo que cessem tôdas as guerras em curso, que tôdas as nações tenham o direito de dispor de seu destino, que as cinco grandes potências firmem entre si um pacto para assegurar à humanidade uma paz duradoura.

O «Acôrdo» e a Militarização Da Economia do Brasil



Carlos MARIGHELLA



O POVO BRASILEIRO luta de maneira cada vez mais decidida contra as consequências da política de guerra do governo de Vargas, e isso é testemunhado pelo crescente vigor das manifestações contra a carestia de vida, como aconteceu no Rio Grande do Sul, e pelo aumento e a combatividade das greves, de que constitui um magnífico exemplo a greve dos 30 mil tecelões cariocas.

Estas lutas se aprofundam à medida que se desenvolve a luta pela paz. Com isso, amadurece a consciência política do povo brasileiro, que não deseja deixar-se esfomear nem ser arrastado passivamente ao matadouro da guerra, preparada pelos imperialistas americanos e seu laçao mor, o grande estancieiro Vargas.

Tal o estado de espirito das massas, que foi sentido em toda a profundidade pelo Comitê Nacional de nosso Partido, ao tomar a importante Resolução contra o «Acordo Militar» assinado meses atrás pelo governo do Brasil e o dos Estados Unidos.

A militarização da economia brasileira é uma das mais serias consequências do «Acordo Militar».

Para satisfazer as necessidades belicas dos Estados Unidos, o «Acordo Militar» estabelece no artigo 8 o aumento da produção de materiais básicos e estratégicos. Isto quer dizer aumento da extração de areias monaziticas, de urânio e de todos os minérios atômicos, bem como do manganês, do ferro, etc., que já são exportados a baixo preço para os Estados Unidos, sem falar do petroleo cuja posse os monopolios lanques disputam encarniçadamente, com a Standard Oil à frente.

Trata-se, portanto, do aumento da produção de materias primas para a guerra.

Para não deixar nenhuma duvida a respeito, o mesmo artigo 8 reafirma as clausulas 12, 13, 14 e 16 das Resoluções de Washington, em que se determina a prioridade não só aos projetos de desenvolvimento economico de «utilidade para os fins de defesa», isto é, fins de guerra, como a primazia ao aumento da produção, transformação e transporte de materiais básicos e estratégicos. Além do mais, numa destas clausulas das Resoluções de Washington se estabelece a aplicação do principio da «igualdade relativa de sacrificio na redução ou limitação das necessidades civis», devendo «caber-nos, então, como consequencia reduzir as nossas necessidades civis».

Assim, com o «Acordo Militar», o Brasil terá que dar prioridade ao aumento da produção de materias primas para a guerra, em prejuizo da produção de bens de consumo necessarios aos tempos de paz.

O que isto significa para o nosso país, podemos deduzir das palavras do camarada Stálin, em seu informe ao XVIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, quando respondia a uma pergunta por ele mesmo feita sobre os países arrastados por este caminho:

«Significa imprimir à industria uma direção unilateral, de guerra; estender por todos os meios a produção de artigos necessarios para a guerra, produção que não se relaciona com o consumo da população; restringir por todos os meios a produção e, sobretudo, o fornecimento de artigos ao consumo popular; por conseguinte, reduzir o consumo da população e expor o país a uma crise economica.»

A militarização da economia do país, como um dos principais resultados do «Acordo Militar», acarretará desastrosas consequências para o nosso povo.

Ela será acompanhada do fechamento das fabricas que não produzem para a guerra e teremos muito mais agravada a situação que já existe de fato o desemprego nas industrias textil e metalurgica como nos meios portuarios. Só em São Paulo já se ameaça de desemprego sobre 25 mil texteis e 10 mil metalurgicos, sem falar nos que já estão atualmente desempregados, como milhares de portuarios em todo o país.

A militarização da economia determinará o congelamento dos salarios, já anunciado aliás pelo go-

verno no mesmo momento em que procura a toque de caixa ratificar o «Acordo Militar». O congelamento dos salarios e o aumento das despesas militares constituem duas faces da mesma moeda, pois são inseparáveis, como deles é inseparavel o aumento incessante dos impostos. O sistema financeiro do Brasil ficará mais abalado ainda e com isso se agravará a desvalorização do cruzeiro. Haverá na pratica uma terrível rebaixa do salario real em face do aumento dos preços dos generos, que irão escasseando cada vez mais à medida que se intensificar a economia de guerra. Será o crescimento da inflação, o aumento espantoso da carestia de vida.

Ao mesmo tempo, o governo tratará de exigir o aumento da produção para a guerra, o que representará para o proletariado a perspectiva do trabalho forçado, os horarios de guerra, a proibição de mudar de industria, e a impossibilidade de casamento para os jovens operarios, a obrigatoriedade da assiduidade integral, enfim, restrições muito mais sérias do que as que já vêm sendo impostas aos trabalhadores industriais com o atual racionamento da energia elétrica.

Com a militarização da economia os camponeses passarão a comprar muito mais caro os produtos industriais destinados à lavoura, como enxadas e instrumentos agricolas, cuja fabricação ficará prejudicada pela produção de guerra. Escasseará o combustível, haverá menos caminhões e transportes ferroviários para escoar os cereais, chegaremos a uma queda sem precedentes na agricultura, cuja area cultivada se reduzirá, com o consequente abandono dos campos, a miseria e a fome para os camponeses. Com isso, o poder aquisitivo das massas baixará mais ainda.

O comércio, tal como a indústria da paz, sofrerá imensamente com a militarização da economia, resultante da aprovação do «Acordo Militar».

A capacidade de absorção do mercado interno ficará mais reduzida e no plano internacional o mercado será mais restrito ainda para o Brasil. Nas condições atuais ele é por demais precario, porque nosso país, obrigado pelo monopolio do comercio norte-americano, já não pode exportar o café, o algodão e o cacau para a URSS e o mercado democratico mundial. Com o «Acordo Militar», será muito mais grave a situação, pois já não se cogitará nem ao menos do comercio com esses produtos basicos da agricultura, toda nossa economia passará a girar em torno dos produtos estrategicos que interessarem aos Estados Unidos e que passaremos a entregar pelos preços que eles quiserem.

Com a militarização da nossa economia, a nação brasileira enfrentará uma situação de tamanha gravidade que nos levará à beira do abismo e a uma catastrofe sem precedentes.

E' enorme, portanto, a responsabilidade dos comunistas como de todos os patriotas em face desse monstruoso tratado de guerra e colonização. Torna-se necessário por isso seguir as indicações do Comitê Nacional, concentrar todos os esforços na luta contra a ratificação do «Acordo Militar» pelo Congresso Nacional.

VOCÊ PRECISA LER

DEMOCRACIA POPULAR

SEMANÁRIO DE ATUALIDADE POLÍTICA

CIRCULA ÀS TERÇAS-FEIRAS NAS BANCAS COM OS AGENTES

No Congresso dos Povos



A conhecida atriz brasileira Maria della Costa foi uma das delegadas do nosso país ao Congresso dos Povos pela Paz, realizado em Viena, entre 12 e 19 de dezembro de 1951. Atualmente, Maria della Costa se encontra visitando a URSS, a convite de delegados soviéticos ao Congresso dos Povos.



Mme. Isabelle Blum, ex-líder socialista belga e o dr. Giuseppe Nitti, deputado do Partido Liberal italiano e presidente da Entente Parlamentar Italiana pela Paz figuraram entre os delegados ao Congresso.



Outros dois eminentes representantes das forças democráticas: o general José Gabaldón, da Venezuela, e o dr. Joseph Wirth, alemão, ex-chanceler da República de Weimar.



Aqui estão a escritora alemã Anna Seghers (homenageada em 1951 com o Prêmio Stálin Internacional da Paz) e o renomado economista indú J. Kumarappa, adepto da seita do «mahatma» Gandhi. Ambos delegados ao Congresso.

A Ação Unida de Todos os Patriotas Derrotará o «Acordo Militar»



GENERAL CRUZ CORDEIRO — Pouco antes de falecer o ilustre militar teve ocasião de se pronunciar sobre o «acordo militar», proferindo a seguinte advertência: «NINGUEM TENTARÁ IMPUNEMENTE ALIENAR A SOBERANIA DA NAÇÃO»



DEPUTADO CARMELO D'AGOSTINO: — Em discurso pronunciado por ocasião da instalação solene da Comissão Paulista pela Rejeição do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, o parlamentar paulista afirmou que se o «acordo» viesse a ser aprovado passaríamos a ser «anexados por comissões estrangeiras». Outro objetivo do tratado com os Estados Unidos, disse, é: elevar-nos à guerra para perdemos nossos soldados. Não seria a libertação econômica — mas veríamos os campos estrangeiros espargidos de cruzes brasileiras...»
No final de seu discurso, afirmou que todos devemos lutar contra o «acordo», pois a América do Norte pretende nos escravizar eternamente

Assumindo uma atitude concorde com o vivo sentimento nacional de repulsa ao «acordo» infame, manifestado em atos e demonstrações que vem se sucedendo por todo o Brasil, inúmeros parlamentares de todos os partidos e personalidades de todas as tendências já se pronunciaram contra o «acordo militar». Entre estes encontravam-se desde o representante comunista Roberto Morena até homens como o senador Kerginaldo Cavalcanti, da UDN, o deputado Vieira Lins, do PTB, os deputados Augusto Meira e Tarçílio Vieira de Melo, do PSD e outros, entre os quais os deputados Orlando Dantas, Osvaldo Fonseca, Campos Vergal, Plínio Coelho, Joaquim Viagas, José Esteves, Tércio Cavalcanti, Breno da Silveira e Euzébio Rocha. Isso sem falar das manifestações de deputados estaduais, de vereadores e Câmaras Municipais, onde se destacam pronunciamentos como o da Câmara do Distrito Federal, o dos deputados paulistas Porfírio da Paz, Janio Quadros, Rogê Ferreira, Gilberto Chaves e outros, o do vice-governador do Rio Grande do Sul e presidente da Assembléia Legislativa do Estado, Victor Graeff e muitos outros em todos os Estados do Brasil.

«Os protestos populares não podem deixar de ser ouvidos por muitos parlamentares que, obrigados assim a um exame mais detalhado do vergonhoso documento, pedem explicações ao governo e negam-se, em número crescente, a comprometer-se com um voto de aprovação que será, em qualquer caso, um crime contra o povo e contra a pátria. Já não são apenas os comunistas que protestam e exigem com indignação cada vez maior do Congresso Nacional a rejeição da carta de escravização assinada pelo Sr. João Neves, é a maioria esmagadora da nação. São simples operários e camponeses, mas são também deputados e senadores, Câmaras Municipais, oficiais de nossas forças armadas e jornais que aos traidores João Neves e Goes Monteiro será difícil chamar de comunistas.»

(Da Resolução do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil, de Novembro de 1952).



GENERAL ESTILLAC LEAL: «Era, sim, e sou contra esse «acordo» que aí está e que tão sérias, ponderadas e patrióticas críticas e objeções merecem da parte de numerosas personalidades...» «E da sua leitura concluímos serem perfeitamente fundadas, procedentes e patrióticas as críticas, objeções e reações, que estão sendo levantadas pela imprensa independente e pelo Congresso, essas grandes tribunas da opinião popular.»



GENERAL HENRIQUE CUNHA: Referindo-se ao «acordo», declarou: «Por ele o Brasil assume obrigações unilaterais, sujeitando-se a alianças para participar de aventuras guerrilhas, o que atenta contra a nossa Constituição», acrescentando adiante: «Assim, todos os que lutam pela liberdade econômica de nossa pátria devem cerrar fileiras numa ampla frente única popular no sentido de conseguir que o Congresso Nacional repudie o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos.»



EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA ARTHUR BERNARDES: «Tive ensejo de dizer a amigos que me ouviram a respeito, que nenhum dever de solidariedade partidária poder ser invocado para compelir parlamentares de qualquer corrente a votar pela aprovação do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos. Não só esse é altamente lesivo ao nosso país, e humilhante, como encerra, quando muito, simples promessa do governo brasileiro, condicionada nos termos constitucionais à aprovação pelo Poder Legislativo.»

«De resto, o convênio levanta verdadeiro clamor público, e que vem mostrar que a opinião e repudia.»

Além disso, os últimos documentos apresentados sobre ele projetam-lhe uma claridade nova, dando a impressão de que uma Câmara que os aprovasse estaria fazendo jus à sua imediata dissolução»



CORONEL AVLADOR SALVADOR CORREIA DE SA e BENEVIDES. Fiel às melhores tradições de nossas Forças Armadas, o ilustre militar recusa-se a consentir na transformação do Exército Nacional numa tropa mercenária a serviço do estrangeiro, como pretende o «acordo militar», e luta contra este código de escravização do Brasil, ao lado de outros oficiais patriotas, como os generais Leonidas Cardozo, Felcissimo Cardozo, Hermelino Cavalcanti, Artur Camarão, Edgard de Souza Mendes, coronéis Aristides Leal, França Albuquerque, Hildebrando Pelágio, Camilo Olímpio Paraguaçu e muitos mais.



DEPUTADO HÉLIO CABAL: «Vê-se claramente que o «acordo» não é de assistência, isto é, de fornecimento recíproco de armas, de equipamentos, de materiais, graças aos quais as duas partes aumentam e aperfeiçoam a sua capacidade militar. Não! Como vemos, ele é, na realidade, uma aliança militar ofensiva, com cláusulas onerosas e inconvenientes para o país.»
«... a consequência dessa atitude em favor do «acordo» envolveria, de igual passo, o menosprezo de disposições constitucionais, o que me parece sumamente grave.»



DEPUTADO LIMA FIGUEIREDO: «Neste ponto não virjo do sr. deputado Hélio Cabal: S. Excia., afirma que este «acordo» defensivo, «acordo» para a defesa do hemisfério, vai transformar-se numa «acordo» militar ofensivo, porque ele pode resultar em belecer um estado de fricção entre a Argentina e o Brasil.»
«Soube ontem, através de artigo em «O Jornal», do senhor Assis Chateaubriand, que, em 1949, ao Brasil se recusou a partir para a Coréia». Isto para mim é uma novidade. E se ao Brasil se recusou fez muito bem. Queremos a paz do mundo não nos suicidar. Nenhum dever internacional nos obrigava a isso, como já demonstramos. A indolência pacífica de nosso povo seria contra essa medida.»



SEN. EDGAR BUXBAUM. Coube a este ilustre oficial geral ser um dos iniciadores da campanha popular contra o «acordo», analisando detalhadamente o texto do documento na Comissão Nacional Contra o Acordo Militar. O manifesto dirigido ao povo brasileiro por esta Comissão encontrou eco em todo o Brasil. O documento saiu com uma frase que se tornou o lema de todos os patriotas: NÃO ACEITAMOS ESSE ACORDO PORQUE SOU BRASILEIRO!»



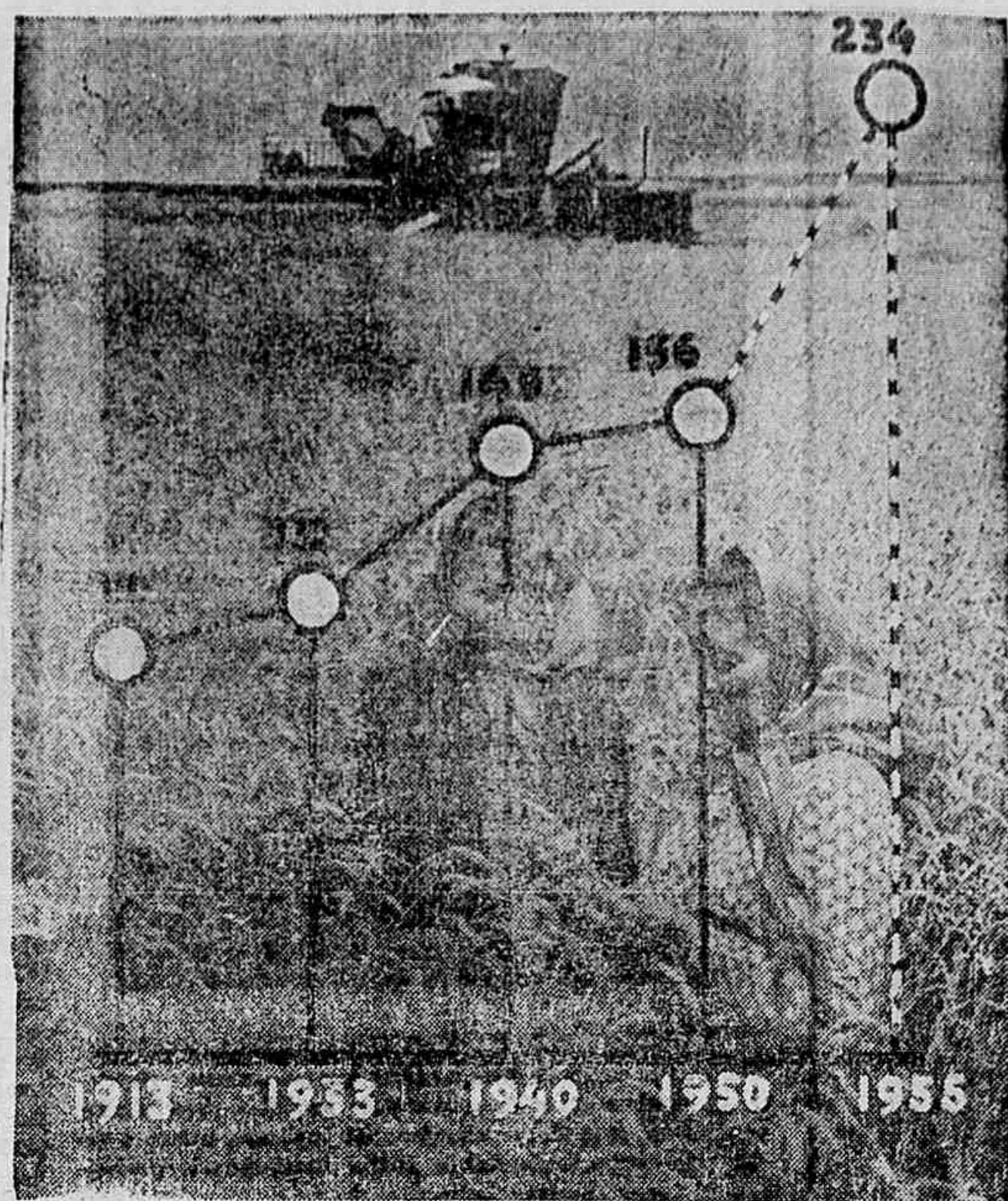
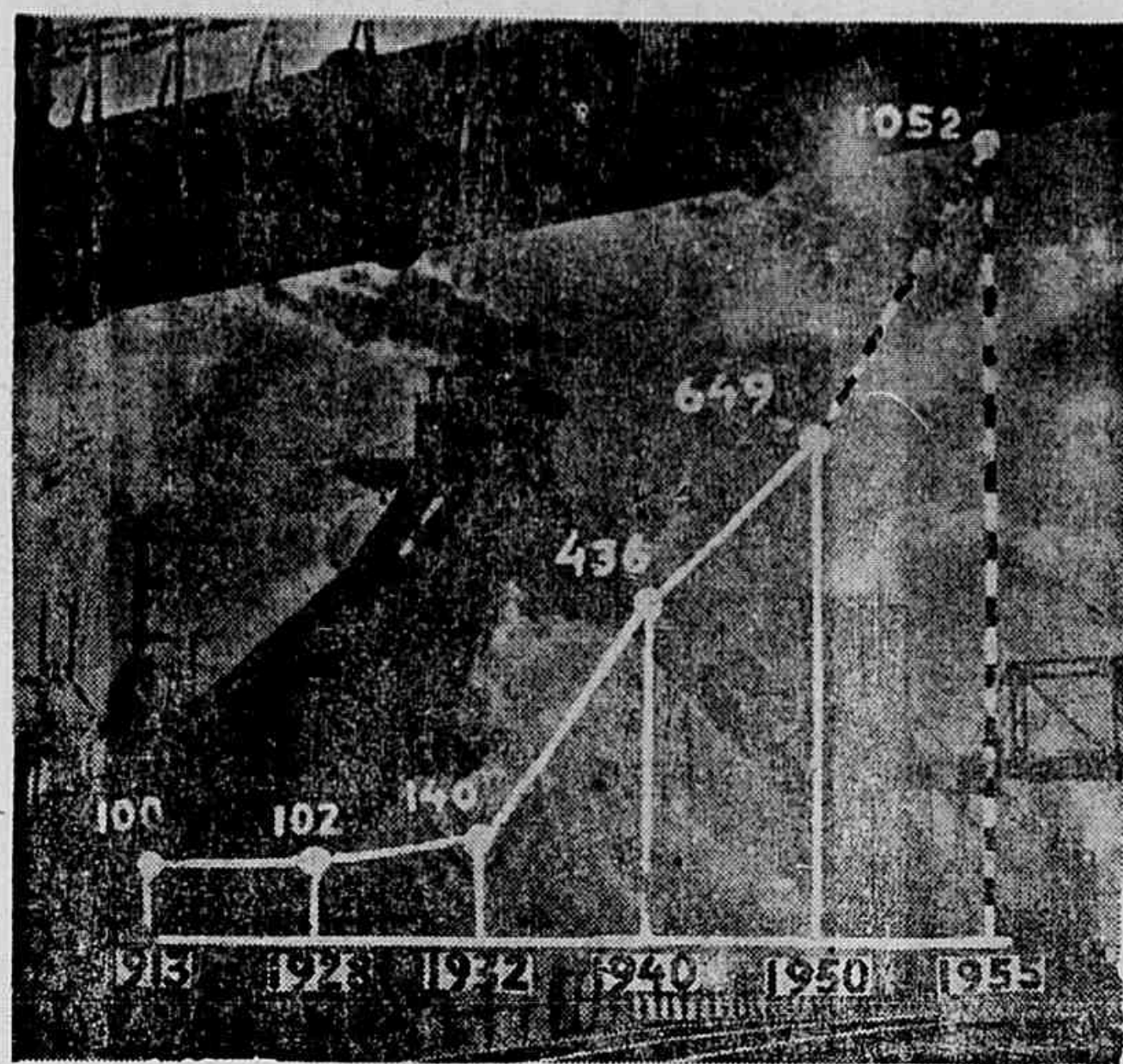
DEPUTADO OSVALDO ORICO: «Se a Constituição em vigor não abre margem a que o Brasil possa fazer remessa de tropas para o exterior, constitui um atentado feito a ela qualquer capítulo que se abra no sentido de permitir essa remessa.»

«É indispensável, no entanto, que saibamos unir e organizar nossas forças. O bando de traidores é numericamente insignificante, mas tudo faz para nos dividir, para lançar religiosos contra ateus, católicos contra espíritas e protestantes, não-comunistas contra comunistas, etc. Acima de quaisquer diferenças de partidos políticos, de pontos de vista religiosos ou filosóficos, de quaisquer divergências, devemos agora unir nossas forças para salvar o Brasil do despenhadeiro a que o querem levar os imperialistas ianques e seus lacaios brasileiros. O povo unido

pode derrotar o «Acordo Militar», tem forças para exigir de deputados e senadores a rejeição total do ultrajante documento, cuja passagem pelo Congresso, há-de servir para revelar à Nação os nomes dos traidores que lhe derem seus votos favoráveis e que ficarão marcados pelo ódio popular, implacável como sempre no castigo dos traidores e covardes.»

(Da Resolução do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil, de Novembro de 1952).

No Caminho do Comunismo



«Nossa poderosa Pátria está em pleno desabrochar de suas forças e caminha para novos êxitos. Temos tudo que é preciso para edificar inteiramente a sociedade comunista. As riquezas naturais do país dos soviets são inexgotáveis. Nosso Estado provou que é capaz de utilizar essas imensas riquezas para o bem dos trabalhadores. O povo soviético mostrou que sabe edificar uma sociedade nova e encara o futuro com confiança.»

— G. MALENKOV, informe ao XIX Congresso do P. C. (b) da URSS.

O volume da produção industrial da URSS em 1951 representava 1.266 por cento com relação a 1929, isto é, aumentou durante este período de quase 13 vezes, nos diz Malenkov em seu histórico informe. Os gráficos estampados nesta página mostram o desenvolvimento da produção na URSS em três importantes setores, atribuindo o valor 100 ao ano de 1913.

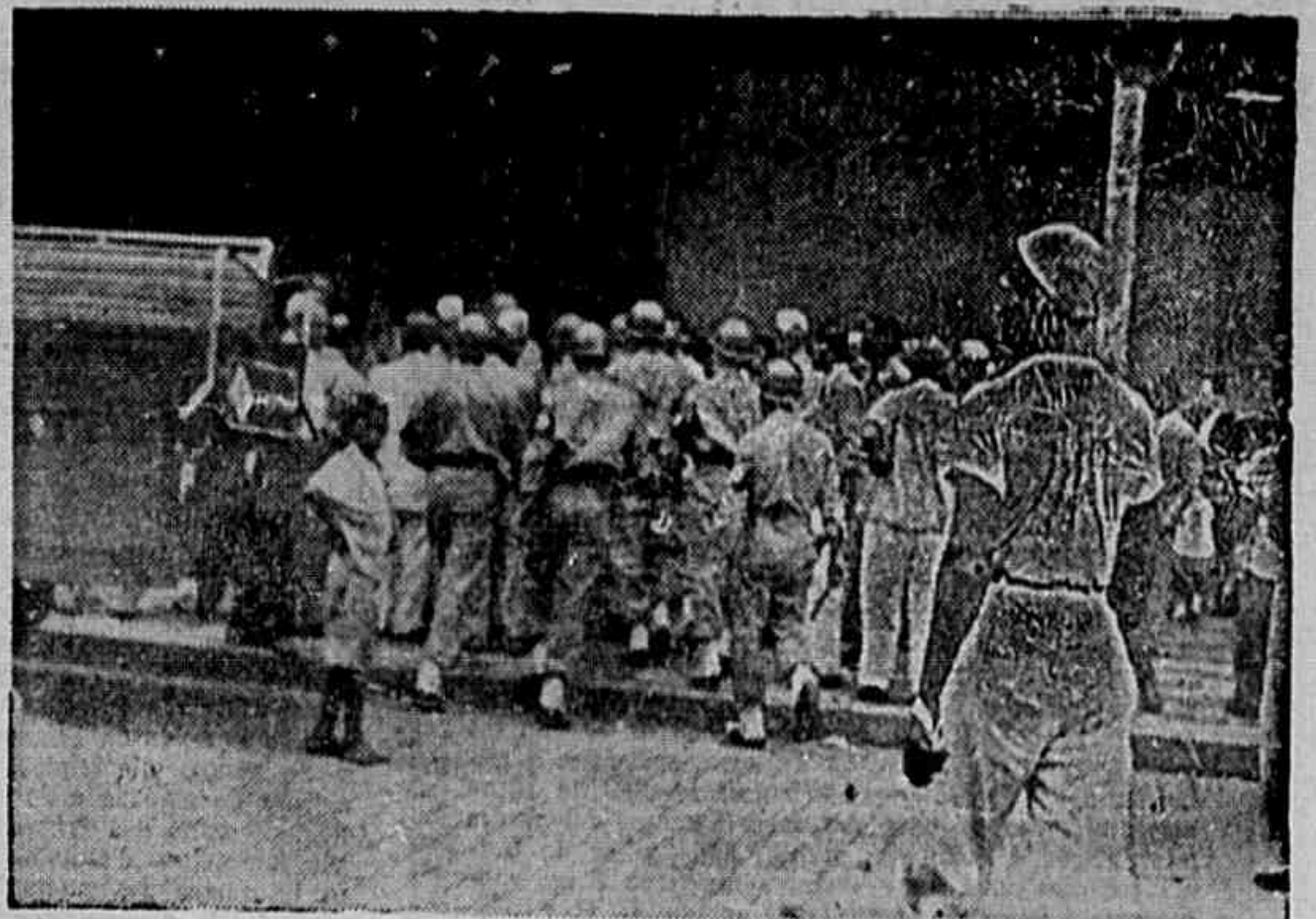
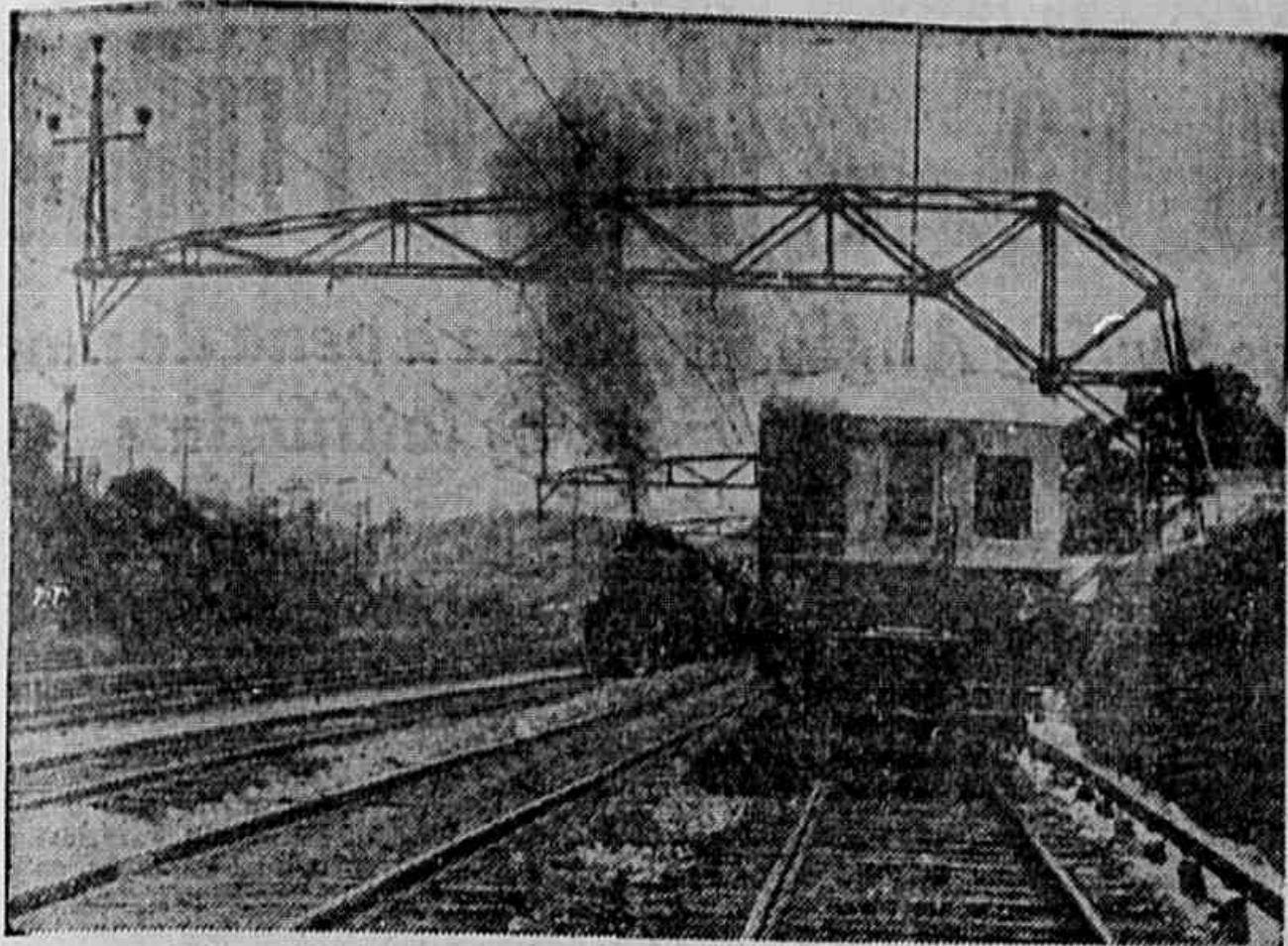


O gráfico da esquerda, ao alto, mostra o desenvolvimento da produção de aço na URSS entre 1913 e 1950; a linha interrompida se refere à produção planejada até 1955. Segundo Malenkov, em 1952 foram fabricadas 25 milhões de toneladas de ferro fundido, cerca de 70 por cento mais que em 1940; 35 milhões de tons de aço, cerca de 90 por cento mais que em 1940 e 27 milhões de tons. de laminados, mais do dobro em relação a 1940.

O gráfico do alto, à direita, com referências idênticas ao anterior, diz respeito à produção de trigo. Segundo Malenkov, a produção de cereais, em geral, em 1952 foi de 8 bilhões de puds (cada pud vale pouco mais de 16 quilos), sendo que a colheita do principal cereal alimentício, o trigo, aumentou de 48 por cento em relação a 1940. «Portanto, o problema dos cereais que era considerado antes como o mais agudo e o mais grave, foi resolvido com êxito, foi resolvido definitivamente e para sempre.» (Malenkov).

Entre 1913 e 1955 a produção de energia elétrica na U. R. S. S. cresceu e crescerá como se vê no gráfico ao lado. «De 1949 a 1951 o aumento da produção de energia elétrica foi de 37 bilhões de quilômetros-hora; antes da guerra, o aumento da produção de energia elétrica, nesta proporção, foi conseguido em 9 anos.» (Malenkov)

SIDERURGIA ★ AGRICULTURA ★ ENERGIA ELÉTRICA



Inaugurados em 1937, estes trens dependem da energia da Light, a qual, de acordo com o governo de então — o mesmo que nos governa hoje — sabotou a Usina de Salto, para obter enormes lucros. De lá para cá, a «Central» não fez senão piorar. E' um espelho do atraso progressivo do Brasil.

E, hoje, quando o povo reclama e protesta contra a falta de trens, bandos de policiais agridem o povo. No clichê, policiais desembarcam e se dirigem às pressas para cumprir as determinações de Getúlio... de resolver os problemas nacionais.

Em Pleno Brasil-Colônia... Ianque

«Por que o povo está assim tão corajoso, enfrentando, inclusive a polícia?» — perguntava uma jovem passageira do auto-lotação que, próximo à cancela de Del Castilho, aguardava a passagem do último vagão de um comprido trem de minério que demandava à estação de Araçatuba.

E os demais passageiros que se impacientavam com os quase 15 minutos de espera, entraram na conversa a respeito da revolta popular havida no dia anterior em D. Pedro II. Dezenas de milhares de trabalhadores, cansados do trabalho e de esperar por mais de 4 horas os trens, protestaram energicamente. Quando a polícia veio com cassinetes e metralhadoras de mão para espancá-los e amedrontá-los, eles chegaram mesmo a amassar uma composição metálica e a castigar inúmeros policiais que fugiram apavorados.

— «A luta continuou hoje, e tiros foram disparados — anunciou outro passageiro. O automóvel atravessou a passagem de nível enquanto seus ocupantes continuavam no assunto, todos fazendo graves acusações contra o governo, único responsável pelo que está havendo.

Está na vista o atraso progressista

Não é de hoje que os passageiros da Central estão vivendo uma grande tragédia. Na hora da partida para o trabalho ou do regresso

ao lar, o embarque é feito a trancos e barrancos, a massa se lança aos trens aos trambolhões. Por que isso acontece? Porque estão sendo reduzidos de dia para dia as composições em tráfego.

Em princípios de 1951, o diretor da Central dizia que havia necessidade de 72 composições elétricas, mas que se encontravam em tráfego, apenas 59. E, agora, esse mesmo homem vem dizer que só existem 46. Desde 1945, que não se compra

Tudo depende dos americanos — Faltam trens de passageiros na Central porque a Comissão Mista desvia tudo para o transporte de minérios — Duplicou o número de passageiros e diminuíram as composições.

mais uma peça para os trens suburbanos. Foi retirando trens do Rio que o sr. Getúlio resolveu inaugurar o trecho eletrificado de S. Paulo. Para tentar readquirir «popularidade» com as suas «realizações» despiu um santo para vestir outro.

E, os lucros da ferrovia aumentam enormemente, pois, se em 1945 viajavam 90 milhões de passageiros, no ano que findou viajaram mais de 180 milhões. E, o povo se aperta dentro daqueles poucos trens com sardinha em lata. O trabalhador não mais pensa em conforto, senão em obter uma vaga nem que seja dependurado do lado de fora das composições. E um espetáculo deprimente este que se presencia de manhã ou a tarde nos comboios suburbanos.

No dia anterior à revolta, dia de Ano Bom, o sr. Eurico de Souza Gomes, em entrevista à imprensa declarava que o déficit de composições seria suprido com outros carros puxados por Diesel elétrica ou máquinas a vapor. E o que está acontecendo. «Maria-fumaça» como antes de 1937... Onde o «progresso» de que tanto fala Getúlio em seu discurso?

Em pleno Brasil-colônia... inanque

Tão tremendo é o descalabro reinante na «Central»

que em 1950, devido aos trilhos gastos e partidos, aos dormentes podres, às locomotivas e vagões impraticáveis, se deram 142 descarrilamentos nas vias de bitola larga. E, com tudo isso, o governo jamais pensou em melhorar esses transportes para o povo. Até, que, em 4 de abril do ano passado, houve o maior desastre ferroviário do Brasil. Quem não se recorda do desastre de Anchieta? O expresso de Lafayette projetou-se sobre um elétrico suburbano causando mais de 300 vítimas entre mortos e feridos. Volta-se a falar: «Para viajar na «Central» é preciso fazer testamento».

O povo revoltou-se, os protestos vieram de todo o Brasil, e Getúlio fingiu buscar um projeto de reequipamento da «Central» que estava na «Comissão Mista Brasil-Estados Unidos» e mandou dizer que realizaria um plano de emergência para a ferrovia, «com Comissão Mista ou sem ela». Conversa de fanfarrão! E, em 7 do mesmo mês baixava um decreto abrindo concorrência para a aquisição de 200 trens-unidades, solicitando à seção brasileira da Comissão Mista, mas... em «cooperação» com a seção norte-americana, que apresentasse dentro de 15 dias (!!) as recomendações técnicas. Entretanto, hoje, o diretor da «Central» derramando lágrimas de crocodilo, após se haver ajoe-

lhado aos pés de um tal Mr. Barber, confessa que Getúlio e Láfer não deram bola ao problema dos subúrbios.

O que acontece é que tudo estando nas mãos dos norte-americanos os quais o governo tem de prestar obediência, nada pode ser realizado sem ordem deles. O que acontece é que os americanos da comissão Mista não liberam certos projetos, enquanto Getúlio e seus cúmplices não conseguirem enviar tropas para a Coreia. O povo está vigilante, tendo oposto tenaz resistência ao Acordo Militar Brasil-Estados Unidos que não foi possível obter aprovação no ano de 1952. Agora, Getúlio, subrepticiamente, sancionou a famigerada Lei de Segurança para tentar sufocar os brasileiros e ver se assim consegue levá-los à carnificina. O povo, porém dará a última palavra.

A «CENTRAL» A SERVIÇO DA GUERRA

Nem uma peça sobressalente para os trens de passageiros é fornecida pelos americanos. Mas, créditos enormes são fornecidos quando se trata de equipar os trens a serviço do imperialismo americano e da guerra. Todo aquele plano de transportes apresentado por Getúlio não é para servir ao povo. Ainda, ago-

ra, o Banco do Desenvolvimento Econômico concede um empréstimo de 1 bilhão e 200 milhões de cruzeiros para a «Central do Brasil». Para que tanto dinheiro? E o diretor responde, dizendo que é para a construção de um pátio de reparo de minérios na estação de Afará no Distrito Federal, para a compra de vagões que atendam ao transporte de minérios, não só para Volta Redonda, já nas mãos dos americanos, que passará a consumir 4 milhões de toneladas anualmente, como também para a exportação que sendo de 50 mil toneladas por mês passará a ser de 100 a 200 mil a partir de março próximo. Toda essa exportação que cresce é feita sob o pretexto de adquirir divisas em dólares mas, que na realidade vai para os americanos a troco de quase nada para alimentar a sua máquina de guerra. Toda essa política de transportes beneficia, enfim, tudo o que diz respeito ao saque dos lanques ao nosso país e aos seus planos agressivos de domínio mundial e da guerra.

OS AUMENTOS VAO BENEFICIAR OS AMERICANOS

A «Central» tem arrancado rios de dinheiro do povo, aumentando constantemente os preços das passagens. Isso constitui um roubo, pois, o dinheiro não se destina a melhorar os transportes e aumentá-los, nem a dar aumento de salários aos ferroviários. Estes são solidários com os passageiros e a eles se incorporam para protestar e agir contra essa exploração. O que todos estão sentindo é que Vargas se embrenha pelo caminho da militarização da economia, prejudicando desta forma os interesses do povo. Mas, com a revolta de sexta e sábado da semana passada o povo carioca demonstrou que não está disposto a silenciar diante dos crimes que o governo está perpetrando sob as ordens dos americanos. Ele irá mais adiante e com o ajuda de todos os brasileiros poderá desencadear lutas tão fortes que levarão a acabar com a política de guerra em favor dos americanos e a iniciar uma política de paz e de progresso em benefício do povo brasileiro.



Nas manifestações de 3 e 4 do corrente em D. Pedro, armas de guerra foram apontadas contra o povo. No clichê vêem-se policiais empunhando metralhadoras.



Devido aos atrasos, milhares de pessoas se acumulam na garé e tomam os trens de assalto. Há passageiros que, em meio à avalanche humana, entram no carro sem saber como e prosseguem a viagem em tremendo aperto como se fossem bois encaicados.

7 DIAS NO BRASIL

FESTA DO CORAÇÃO

DIA de festa para o povo — 55º aniversário de Prestes. No Brasil inteiro, homens e mulheres do povo prestaram homenagem a seu «Cavaleiro da Esperança». Na capital, foguetes anunciaram o festivo dia. No morro do Andaraí, inscreveram seu nome na pedra. Os operários do Moinho Inglês izararam uma bandeira vermelha em seu louvor. Jovens parem escolheram esse dia para unirem seus destinos. Desde os meninos Luiz Carlos até o herói encarcerado, Agliberto Azevedo, desde os textos em greve até a modesta dona de casa, milhares e milhares de patriotas e saudaram nesse dia. De tôdas as manifestações, uma das mais tocantes foi a dos marinheiros e fuzileiros presos: suas mãos de bravos teceram uma rede onde, com amor e carinho, coseram o nome do comandante amado: L. C. PRESTES.

PROSPERIDADE

FALOU Getúlio na passagem do ano. Pregou trabalho e paciência, acenando com um futuro de prosperidade. Mas não para o povo. As realizações e projetos que mencionou destinam-se ao maior enriquecimento dos trustes ianques e seus lacaios. Seus planos são o da «Comissão Mista Brasil-Estados Unidos»: — reequipamento das ferrovias para transportar minérios e matérias-primas para os trustes; Banco de Desenvolvimento, para financiar empreendimentos dos trustes; usinas elétricas... para a Light e os grandes latifundiários; transporte de minerais radioativos... para a máquina de guerra dos trustes; exploração do petróleo... pela Standard Oil; reaparelhamento dos portos... para os trustes carregarem mais facilmente nossas riquezas, e assim por diante. — E para o povo? Fez promessas. Mas o povo não vive de promessas, vive da certeza de que, através da luta unida de todos os patriotas, conquistará um futuro de prosperidade, não para os trustes, porém.

RUMO A VITÓRIA

TRANSCORREU o 1º mês de duração da greve dos têxteis cariocas. Os tubarões dos tecidos, desesperados, ameaçaram dorpedir a todos. A polícia, demandou-se em novos atos de arbitrio, perseguindo e prendendo grevistas. Mas o movimento continua firme. A solidariedade foi organizada e se amplia. Mais de 150 bandos pccatorios percorrem as ruas e recolhem cerca de Cr\$ 32.000,00 por dia nas outras fabricas e entre o povo. Diversos intermediários e demagogos governamentais acabaram se desmascando como agentes dos patrões. A União Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal expediu uma conplamação a todos os trabalhadores, para que ajudem seus irmãos têxteis. Estes, ajudados e reforçados pelo manifesto de seu partido de vanguarda — o PCB — prosseguem unidos na luta, rumo à vitória.

SOLTO O MONSTRO

Getúlio sancionou a nova lei de segurança. Em essência, é igual à antiga lei fascista do Estado Novo, piorada. Estipula castigos para todos os que lutam contra o atual estado de miséria, opressão e submissão aos imperialistas ianques. Tem um artigo demagógico, contra as autoridades arbitrárias, mas que não será aplicado porque isto já existe no Código Penal e não é aplicado. Mas os artigos contra os patriotas também de nada valerão contra a resistência do povo. Com essa nova lei americana pretende o governo assestar novos golpes nos partidários da paz e da independência nacional. Não o conseguirá, porém, porque a favor da paz e da libertação nacional é todo o nosso povo.

GREVE EM BRUSQUE

Passarão o Natal e Ano Bom em greve os têxteis de Brusque, Santa Catarina, que são em número de 4.200. A greve iniciou-se dia 20 de dezembro, em virtude da intransigência dos patrões, que se negaram até mesmo a pagar o ridículo aumento de 7 por cento decidido pelo T. R. T. local. Piquetes de grevistas bloquearam as fábricas, realizando em seus portões até mesmo a festa natalina, com grande força de tradição no Sul. Os grevistas exigem aumentos condignos e o estabelecimento de armazéns para a venda de gêneros a baixo preço.

PROVOCADOR E POLICIAL EXPULSO DO PCB

O C. E. da Bahia do P. C. B. tornou pública a expulsão das fileiras do partido do proletariado do indivíduo Eivaldo Oliveira. Esse provocador a serviço da polícia e da camarlha militar-fascista foi localizado pela vigilância revolucionária e apontado à execração pública. E' depurando-se que o Partido de Prestes se fortalece. Esse inimigo da classe operária, servil dos incendiários de guerra e colonizadores ianques é alvo do ódio e do desprezo de todos os patriotas.

Plantando Dá... Mas é Proibido

Os frigoríficos Swift e Anglo decretam a pena de morte para o arroz e o algodão — Passam os latifúndios para as mãos dos trustes

Reportagem de Antonio GOMES

NO município paulista de Rancheira estão localizadas duas imensas fazendas, as principais, dos frigoríficos Swift e Wilson. São feudos que se estendem desde a zona da Sorocabana, atingindo Presidente Prudente, e que se desdobram pela região agrícola da Paulista, envolvendo um território superior a de muitos municípios. Terras de ótima qualidade para a cultura do algodão e de cereais entregues totalmente à pastagem do gado dos frigoríficos. Plantio apenas do capim. Capim manteiga, d'angola, etc., variando tão somente, segundo os interesses dos monopólios. Milhares de alqueires de toda essa região não cultivada nada produzem e estão sendo ultimamente arrendados em pequenos lotes para a replantação do capim. Os dois monopólios controlam praticamente toda a atividade dos pequenos agricultores de Rancheira e sabotam o desenvolvimento agrícola do município proibindo o plantio do algodão em suas fazendas.

O FEUDO DA SWIFT

O feudo da Swift engloba um total de 39 mil alqueires de terras e possui um vasto rebanho na engorda. Prolonga-se desde Rancheira até a margem esquerda do Rio dos Peixes, atingindo uma parte do município de Paulista, onde mantém cerca de 15 mil bois anualmente. As terras da Swift, outrora pertencentes aos imperialistas de «Brasland & Boston Castle», estão sendo totalmente aproveitadas para a criação do gado em face do alto volume de encomendas que esse frigorífico vem recebendo. Apesar de fornecer no malmente 15.000 bois à Swift, o feudo de Rancheira somente no ano de 1951 exportou 36 mil, calculando-se que em 1952 seu nível de exportação ascenda à cifra de 45 mil cabeças de gado, sem que tal fato traga nenhum progresso para o lugar. Allás o embarque de gado em pé na estação da Sorocabana é uma cena presenciada diariamente pelos habitantes de Rancheira, justamente revoltados. Comentando o fato disse um popular ao reporter:

— Tanta carne boa embarcando para o estrangeiro enquanto pagamos 20 cruzeiros pelo quilo de peleança congelada!

DERRUBAM MATAS E PLANTAM CAPIM

As terras da Fazenda Continental de propriedade do Frigorífico Wilson são como as da Swift empregadas para a criação do gado. Prolongando-se pela zona do Aeroporto de Rancheira atingem as barrancas do Rio

contrato.

O DRAMA DO CAMPONES SEM TERRA

Os arrendatários da Swift e do Frigorífico Wilson lutam contra o plantio do capim no mês de janeiro precisamente por que neste mês o crescimento do capim prejudica o desenvolvimento do algodão e dos cereais, sucumbindo completamente tais plantações. Por outro lado certos lotes de terra exigem um prazo maior para que seu rendimento seja compensador. Os de difícil trato como a gleba do km. 25 da Fazenda Continental necessitam no mínimo de 3 a 4 anos para que o trabalho de tombação, destocação, descoivare, etc., seja compensado. Isso não acontecendo dá prejuízo ao arrendatário. Esse, precisamente, é o caso de Orlando Oliveira, um sub-arrendatário da Wilson. Trabalhando com apenas um alqueire de terra o lavrador atingiu a safra considerável de 100 arrobas de algodão, que vendida pelo preço-teto estabelecido pelo governo de latifundiários de Getúlio, 85 cruzeiros, rendeu finalmente oito mil e quinhentos cruzeiros. No fim do arrendamento o arrendatário Orlando Oliveira teve um prejuízo de mais de quatro mil cruzeiros, pois a despesa com a manutenção da lavoura superou em muito o dinheiro obtido com a vendagem da safra. Essa situação coincide igualmente com a da fazenda do frigorífico Wilson, dirigida pelo norte-americano «Mister France». As terras de má qualidade na zona de Laranjeira Doce são arrendadas um ano a Cr\$ 300,00 por alqueire, enquanto que nas glebas 13, 14 e 15 atingem mil e duzentos cruzeiros no prazo de um ano que não compensam de forma nenhuma o trabalho desenvolvido.

A Swift está adotando agora um outro sistema. E' o chamado sub-arrendamento. Desta forma apenas uma meia dúzia de privilegiados tem contacto com a administração da fazenda, ficando por conta do grupo o sub-arrendamento, que é

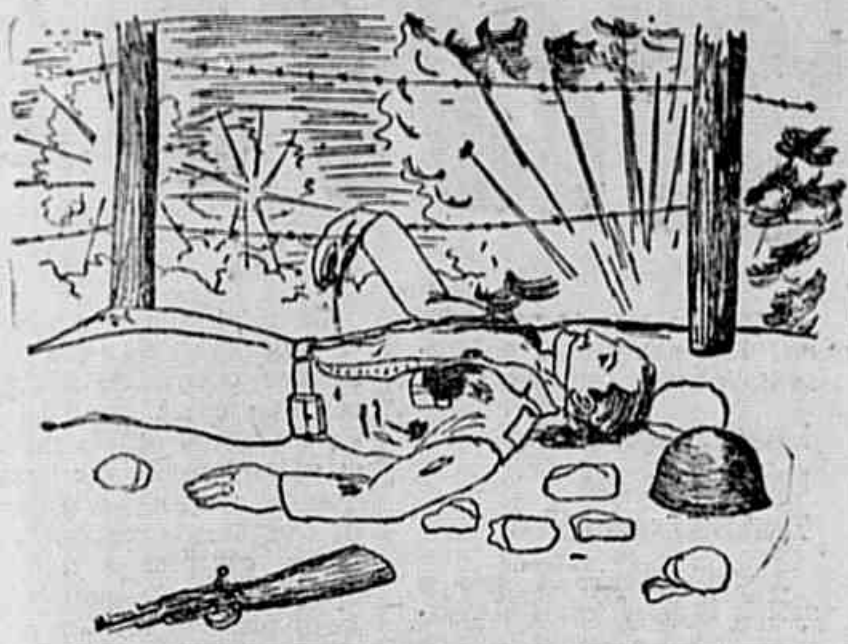
feito entre centenas de camponeses pobres e sem terra. Essa exploração indireta do trabalho agrícola lhe permite obter melhores lucros e evita o contacto direto dos trabalhadores com o monopólio. Dado o regime de comum exploração, os camponeses sem terra de Rancheira andam de um lado para outro em busca de melhor condição de trabalho, ora trabalhando na Fazenda Continental, ora no Frigorífico Wilson, sem que tenham possibilidade de melhor trabalho, pois a terra pertence a dois latifundiários que se dão as mãos para a exploração comum do trabalho camponês.

APROVEITAMENTO IMEDIATO DAS TERRAS

Os camponeses de Rancheira, explorados pelos frigoríficos Swift e Wilson, têm uma reivindicação mínima: o aproveitamento das terras para a plantação do algodão e dos cereais e a proibição do plantio do capim, principalmente no mês de janeiro, isso contraria fundamentalmente os interesses dos frigoríficos cujo desejo é o aproveitamento indefinido das terras para a engorda do gado de exportação. Para atingirem seus objetivos os camponeses daquele município paulista estão enviando dezenas de memoriais, não somente aos proprietários das fazendas, como também às câmaras municipais exigindo a proibição da derrubada das matas e a satisfação de suas reivindicações. Paralelamente exigem melhores contratos, na base de um prazo maior, quatro anos, créditos amplos no Banco do Brasil, em média de 5 mil cruzeiros por alqueire e finalmente um melhor preço para o algodão, no mínimo de 100 cruzeiros por arroba. Unindo-se para a conquista destas reivindicações os camponeses de Rancheira, que lutam pela posse da terra e por uma vida melhor, organizam suas forças para alcançar a vitória sobre seus opressores e exploradores.



4 ARGUMENTOS CONTRA O ACÔRDO MILITAR



A MOCIDADE AMEAÇADA DE IR MORRER NA COREIA

— A única obrigação que os Estados Unidos assumem com o «Acordo» é emprestar armas ao Brasil, com a finalidade de equipar tropas brasileiras. Enquanto isso, ao Brasil são impostas dezenas de obrigações.

Mas, por que o governo americano pretende nos emprestar armas? A resposta a isso está na pressão insistente feita sobre nosso país para que enviemos tropas à Coreia. O governo americano provocou a guerra da Coreia, suas tropas sofrem tremendas baixas. Por isso eles exigem jovens de outros países para tirar as castanhas do fogo para eles.

— O próprio texto do Acordo deixa isso claro quando diz que o Brasil deverá «proporcionar forças armadas às Nações Unidas». Todos sabem que, na Coreia, as tropas americanas lutam ilegalmente, sob a bandeira da ONU. O Acordo Militar é um contrato de fornecimento de carne para canhão!



EMBAIXADA
americana



DOMÍNIO DO COMÉRCIO BRASILEIRO PELOS AMERICANOS

O Acordo Militar obriga o Brasil a só comerciar com quem os americanos quiserem. Os monopolistas americanos não querem saber de concorrentes, e os comerciantes brasileiros que não se submetessem cairiam na lista negra. O próprio governo brasileiro

fica obrigado a perseguir os comerciantes brasileiros que não aceitarem o domínio não comercial ianque. Assim, o Acordo coloca os comerciantes nacionais à mercê das condições escorchantes que os americanos lhes quisessem impor.

O Acordo Militar obriga o Brasil a aceitar enorme número de funcionários americanos. A esses funcionários americanos se garante o direito de introduzirem no Brasil o que quiserem, sem pagar nenhum

imposto ou direito de importação.

Isto significa que os americanos podem importar rádios, geladeiras, etc., a baixo preço e revendê-las aqui, fazendo uma concorrência desleal ao nosso comércio, e lesando o Tesouro Nacional.

O art. V do Acordo, com uma redação dúbia, abre o caminho para estender-se esse direito, em momento oportuno, às próprias firmas comerciais americanas.



OS OPERÁRIOS SUJEITOS AO TRABALHO ESCRAVO

— Pelo Acordo Militar, o governo brasileiro se compromete a orientar todos os trabalhos, toda a produção, tudo que se faz no Brasil em função da guerra. Compromete-se inclusive a aplicar no Brasil leis americanas que determinam abertamente a intervenção na vida econômica do Brasil, segundo os interesses dos Estados Unidos.

Em consequência disto viria por terra a legislação trabalhista; seriam reduzidos a zero os direitos dos trabalhadores brasileiros; os operários ficariam sujeitos à chibata ianque.

— A aprovação do Acordo Militar significaria para os operários a volta às duas condições da guerra passada. Todos se lembram da «Lei de Mobilização Industrial» e da lei 4.766 de 1942. O trabalho foi militarizado, o menor rosteiro era severamente punido; a greve foi considerada crime, a jornada de trabalho prolongada sem remuneração, a mais leve transgressão às ordens patronais era punida como traição. Os salários foram congelados e não havia nem direito de mudar de emprego. Com o «Acordo Militar» tudo isto se repetiria decuplicado porque sob o tacão dos norte-americanos.

TIRANIA AMERICANA SOBRE O POVO BRASILEIRO

O Acordo Militar significa mortandade para a juventude, trabalho escravo para os operários, domínio do comércio brasileiro, liquidação da soberania nacional. Está claro que a aplicação dessas e de outras medidas previstas pelo Acordo não se pode fazer sem a resistência e a luta dos patriotas: homens de todas as classes, de todas as crenças e de todos os partidos. Por isso mesmo os belicistas americanos e seus lacaios nacionais previram, no texto do próprio documento, medidas de repressão mascaradas com o pretexto de garantir a segurança da aplicação do Acordo Militar.

Isto significa que aprovado o «Acordo», estariam legalizadas as maiores arbitrariedades contra os que se opuserem à dominação americana de nossa Pátria. O jovem que se manifestasse contra o envio de tropas, o operário que lutasse por aumento de salários, a dona de casa que protestasse contra a carestia, o comerciante que resistisse à tutela de preços ianque, a mãe que defendesse o direito de seu filho à vida, — enfim, o menor ato contrário aos desejos dos governantes brasileiros e dos belicistas americanos e à sua política de guerra estaria sujeito à mais brutal repressão política. Assim, o Acordo Militar visa à imposição completa do fascismo.



...do Pela Derrota do Acôrdo Intame!

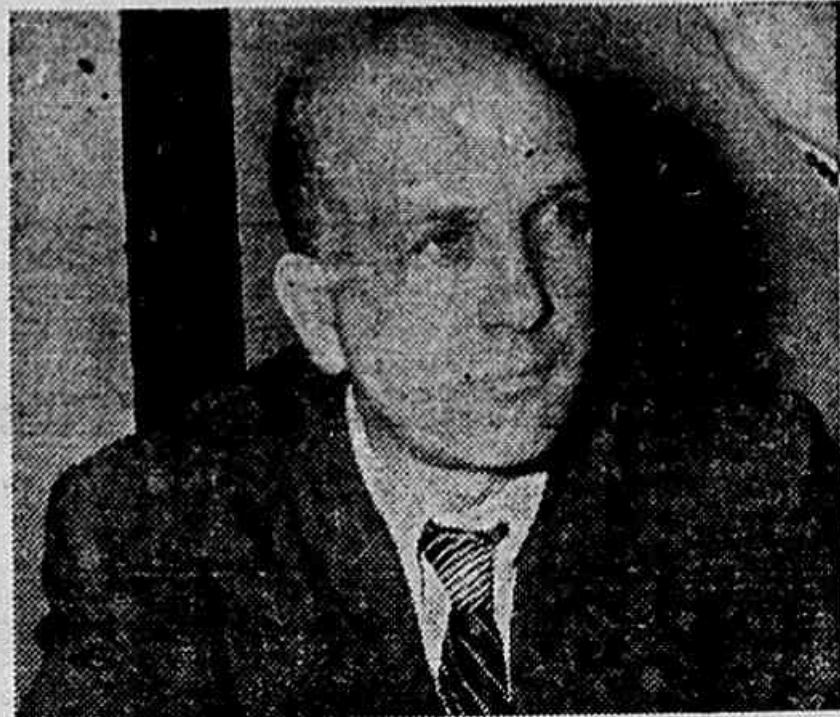
LEIS AMERICANAS NO BRASIL,

TRES LEIS AMERICANAS DE "ASSISTÊNCIA E DEFESA MÚTUA" DE 1949, A DE "SEGURANÇA MÚTUA" E O "BATTLE ACT" — SERIAM APLICADOS NO BRASIL COM A RATIFICAÇÃO DO ACÓRDO MILITAR —

Jamais!

O PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS COM PODERES PARA ENVIAR SOLDADOS DO BRASIL PARA A COREIA — O SECRETÁRIO DA GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS COM PODERES PARA SUPERVISIONAR NOSSAS FORÇAS ARMADAS — UM ADMINISTRADOR AMERICANO COM PODERES DITATORIAIS — SOBRE O COMÉRCIO BRASILEIRO —

O acordo militar entre os governos de Getúlio Vargas e Truman foi assinado a 15 de março, depois de negociações no Itamarati que se desenvolveram em caráter secreto. Tanto é assim, que um dos negociadores nativos, o general Góis Monteiro, em vista de algumas leves indiscrições nos jornais, veio a público para declarar que se tratava de assunto muito grave e sério que não devia ser debatido publicamente. Nem é preciso lembrar que certos jornais, desses que entrem a boca com a liberdade de informação, fizeram o mais absoluto silêncio depois da advertência do general.



Deputado Roberto Morena a cuja ação patriótica e desasomburada devemos a publicação do «Battle Act».

A 19 de abril de 1952, o texto do acordo foi enviado à Câmara dos Deputados com mensagem de Getúlio pedindo sua ratificação. Por muito favor, o texto do famigerado documento foi entregue na sua versão em língua portuguesa e não simplesmente em inglês. Mas a parte secreta continuou. O acordo não veio acompanhado do texto das leis americanas das quais nasceu, nem das resoluções da Conferência dos Chanceleres em Washington, que nunca foram comunicadas à Câmara, e que o acordo militar transforma em obrigações para nosso país.

Mesmo assim, literalmente sem saberem o que estavam aprovando, três comissões técnicas da Câmara — a de Diplomacia, a de Constituição e Justiça e a de Segurança Nacional — aprovaram o acordo. As reuniões foram secretas, tendo transcurrido apenas as restrições feitas pelo deputado Hélio Cabral.

NEREU GUARDA O SEGREDO AMERICANO

Mas há um artigo no Regulamento da Câmara que diz claramente que nenhum projeto pode ser discutido, quando faz referência expressa a outras leis, ou quaisquer outros documentos, sem que seja publicada a íntegra dessas do-

documentos, para clareza da discussão.

E' uma coisa lógica. O deputado Lobo Carneiro, batendo no artigo do regimento, reclamou a publicação das leis americanas que o acordo pretende fazer cumprir no Brasil. Nereu Ramos, presidente da Câmara, ficou em si. Ignorou seu dever e respondeu com maus modos pela negativa. Mas fora da mesa declarou:

— Isso é obrigatório para leis brasileiras e não para leis americanas. O Congresso não tem meios para fazer tal publicação. Isso é assunto do Itamarati, do Executivo e não da Câmara. Se este julgou por bem mandar o texto daquela forma ao Congresso não lhe cabia interferir no assunto.

MISTÉRIO E MENTIRAS DE PERNAS CURTAS

Nos últimos dias de julho, Nereu anunciou que «um projeto de natureza secreta enviado pelo Executivo», já com pareceres das comissões seria discutido e votado pelo plenário, em sessão secreta, dentro de poucos dias.

A coisa era tão secreta que nem as palavras «acordo militar» foram mencio-

nadas. A embaixada americana tinha pressa. Mas um novo requerimento de Lobo Carneiro e uma sugestão do deputado Artur Bernardes puseram por terra os planos americanos executados pela mesa da Câmara.

O senhor Artur Bernardes, como presidente da Comissão de Segurança Nacional, exigiu a publicação das leis americanas. O sr. Lobo Carneiro demonstrou que era indispensável ouvir as comissões de Economia e de Finanças, pois o acordo determina a exportação de minérios, prioridade para obras militares, controle do comércio exterior, encargos financeiros com a manutenção de oficiais, policiais e técnicos americanos.

A sessão secreta fracassou e o acordo não pôde ser aprovado em julho de 52. As leis americanas tiveram que ser publicadas. Foi o conhecimento dessas leis que levantou a resistência contra o acordo no Parlamento. Era isso que os traidores da pátria queriam evitar.

Vejamos alguns aspectos dessas leis coloniais americanas. Nenhum deputado que aprove o acordo militar quando tiver que prestar contas ao povo, poderá alegar que ignorava essas leis. Agora, não há mais atenuante de espécie alguma para esse crime de lesa-pátria.

GOVERNO AMERICANO PARA O BRASIL

No seu texto, o Acordo se refere à aplicação no Brasil das leis de «Assistência e Defesa Mútua» de 1949 e de «Segurança Mútua» de 1951, votadas pelo Congresso dos Estados Unidos. Essas duas leis se completam. A de 1951 estende os efeitos da primeira para a América Latina. Os deputados e senadores americanos, com a maior destacada desse mundo, votam leis para serem cumpridas por outros países.

Assim, no seu Título IV, Seção 401, a Lei de Segurança Mútua de 1951, dis-

textualmente: «...fica autorizada para ser utilizada pelo Presidente no ano fiscal de 1952 uma verba que não ultrapasse US\$ 38.150.000 para atingir os objetivos desta seção... contanto que: tal assistência seja fornecida somente de acordo com os planos de defesa que o Presidente considerar requeriam do país em aprêço participação em missões importantes para a defesa do hemisfério Ocidental. Qualquer assistência desse tipo está sujeita a acordos, conforme aqui estabelecido...»

E' claro. Tudo depende do presidente dos Estados Unidos. E' ele quem decide, quem resolve, quem delibera. Aprovando esse acordo, também previsto na lei americana, aceitaríamos o poder do presidente lanque sobre os brasileiros. E para quê? Para que ele decida a nossa «participação em missões importantes», isto é, na Coreia.

COMANDO MILITAR LANQUE SEM DISFARCE

Mas a lei lanque, que o acordo militar torna obrigatória para o Brasil, é mais detalhada. Eis o que ela prevê na Seção 506:

«Em caso de auxílio para fins militares e consulta ou assistência técnica a eles relacionados de acordo com esta Lei, ao secretário de Defesa caberá responsabilidade e autoridade para:

1. A determinação das necessidades de caráter militar;
2. Obtenção de equipamento militar de maneira a permitir a sua integração nos programas de serviço;
3. A supervisão do treinamento de pessoal militar estrangeiro;
4. o trânsito e entrega de equipamento militar.»

E' claro. O secretário de Defesa dos Estados Unidos ficaria com autoridade sobre as forças armadas do Brasil, supervisionando seu treinamento, seus armamentos e tudo o mais.

WASHINGTON PÔE E DISPÕE

Mas o acordo militar encerra outras coisas escabrosas. Obriga-nos a participar de qualquer guerra em que os americanos se envolverem. E, o que diz a seção 511 da Lei de Segurança Mútua:

«Nenhuma assistência militar, econômica ou técnica... será fornecida a qualquer nação... a não ser que o Presidente considere que o fornecimento de tal assistência fortalecerá a segurança dos Estados Unidos...»

E' claro. Trata-se de «segurança», isto é, dos planos guerreiros dos Estados Unidos e nada mais. Entre as obrigações contraídas pelos países que assinem o acordo militar figura a seguintes:

- (3) cumprir as obrigações militares assumidas em acordos multilaterais ou bilaterais, ou tratados em que os Estados Unidos tenham tomado parte.»

Isto não requer comentário. Ficamos atados ao carro de guerra americano.

LIQUIDAÇÃO DA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA

A lei americana que o acordo militar torna obrigatória para o Brasil dispõe da seção 516 que «esta lei seja administrada de tal forma a encorajar, quando conveniente, o desenvolvimento e o fortalecimento dos movimentos coletivos em prol do trabalho livre e as agências de negociação coletiva de trabalho dentro de tais países.»

Que significa isso? Que entendem os americanos por trabalho livre? Basta ver como tratam o assunto em sua terra. Os monopolistas americanos dizem que o trabalho é «livre» quando não existe nenhuma lei trabalhista, estabelecendo normas entre empregados e patrões. Nos Estados Unidos não existe nenhuma legislação trabalhista, não há institutos de previdência, nada parecido com uma lei de dois terços, nem se fala em estabilidade, em férias pagas, indenização, aviso prévio, etc. O trabalho é «livre» para ser explorado sem pelas leis pelos grandes monopólios. E' isso que eles querem «encorajar» no Brasil. O acordo militar é para acabar com os direitos dos trabalhadores brasileiros.

Que significa isso? Que entendem os americanos por trabalho livre? Basta ver como tratam o assunto em sua terra. Os monopolistas americanos dizem que o trabalho é «livre» quando não existe nenhuma lei trabalhista, estabelecendo normas entre empregados e patrões. Nos Estados Unidos não existe nenhuma legislação trabalhista, não há institutos de previdência, nada parecido com uma lei de dois terços, nem se fala em estabilidade, em férias pagas, indenização, aviso prévio, etc. O trabalho é «livre» para ser explorado sem pelas leis pelos grandes monopólios. E' isso que eles querem «encorajar» no Brasil. O acordo militar é para acabar com os direitos dos trabalhadores brasileiros.

UM NOVO PODER, O DO «ADMINISTRADOR»

Para não assustar os industriais e comerciantes brasileiros não ligados ao imperialismo americano, Nereu Ramos tentou evitar o publicação do «Battle Act». A vigilância e a tenacidade de Roberto Morena arrancaram a publicação dessa outra lei americana já em dezembro de 1952.

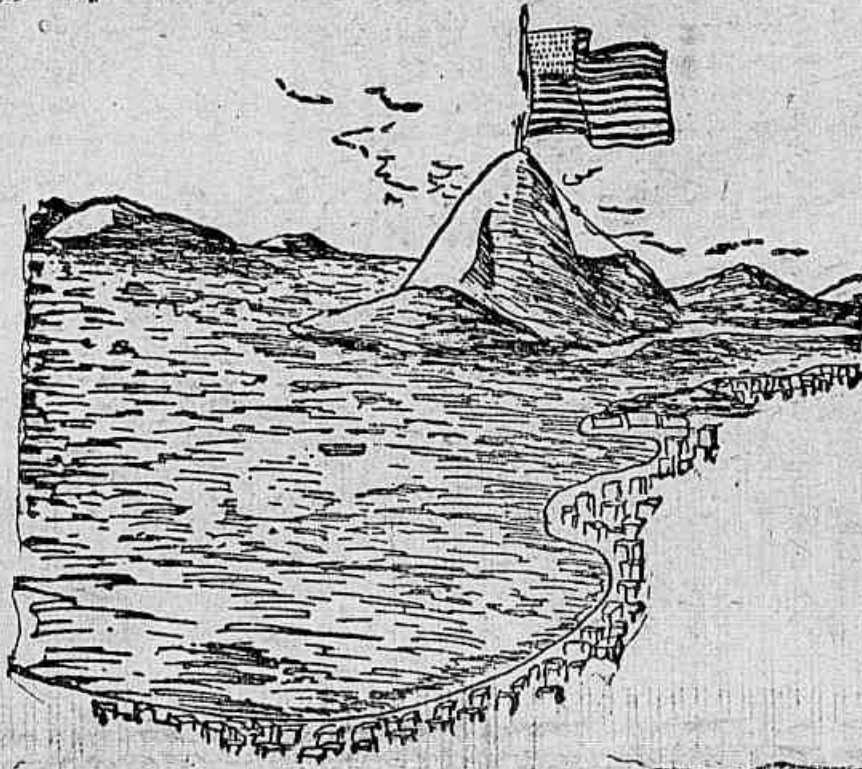
Essa lei cria o cargo de «Administrador», que é o ditador econômico dos países que caem na desgraça de assinar o acordo militar. O administrador é o homem que determina o que se pode vender e comprar, de quem comprar e a quem vender. E' ele que elabora as listas negras. Eis o que diz o item «b» da seção 302 do «Battle Act»: O administrador fará um estudo conjunto da administração das medidas de controle da exportação que os governos estrangeiros se comprometeram a tomar de acordo com esta lei e enviará periodicamente relatório ao Congresso, pelo menos uma vez por semestre, recomendando ação onde ela for adequada.

E' claro. O administrador lanque controlará continuamente e mediará sua recomendação um congresso estrangeiro, e congresso americano, tomará medidas a respeito do comércio exterior do Brasil. E' assim que as metrópoles tratam as colônias.

LEIS AMERICANAS, NUNCA!

Eis aí o que o governo Vargas pretendia manter como um segredo inacessível para o povo. O acordo militar é a cortina de dólares para esconder a imposição de leis americanas, colonizadoras, escravagistas e guerreiras, ao povo brasileiro. Traição por todos os lados.

Nenhum brasileiro digno de ser filho desta terra jamais aceitará que vigorem em nossa pátria leis estrangeiras, leis americanas. Jamais aceitaremos ordens do governo lanque, jamais seremos carne de canhão para seus generais milionários. Leis americanas para o Brasil, nunca! — brada a Nação inteira.



O acordo militar é a alienação da soberania nacional, é a bandeira dos colonizadores lanques em lugar da bandeira dos brasileiros.



Deputado Lobo Carneiro, que lutou obstinadamente até conseguir a publicação das leis americanas de segurança militar em 1952.